7

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Directores: *Teixeira de Pascoaes* e *António Carneiro.*
Secretário da redacção, editor e administrador — *Álvaro Pinto.*

Correspondentes:
Paris — Philéas Lebesgue.
Salamanca — Miguel de Unamuno.

PROPRIEDADE DE "A RENASCENÇA PORTUGUESA"

SUMÁRIO DO N.º 7 (2.ª série) — Julho de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal . . .	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia .	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha . . .	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro . .	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios*
(por publicação)

	Na capa	Além do texto
1 página .	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 " .	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 " .	1$200 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa — Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques, na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração — R. da Alegria, 218, Pôrto.
Tipografia — Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretário da redacção.

A ÁGUIA

Biblioteca da Renascença Portuguesa

A Águia — Revista mensal.

A Vida Portuguesa — Quinzenário.

A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro.*

Regresso ao Paraiso — *Teixeira de Pascoaes.*

Esta História é para os Anjos — *Jaime Cortesão.*

O Espírito Lusitano ou o Saudosismo — *Teixeira de Pascoaes.*

A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão.*

O Criacionismo — *Leonardo Coimbra.*

A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira.*

Romarias — *António Correia de Oliveira.*

A Primeira Nau — *Augusto Casimiro.*

Cintra — *Mário Beirão.*

NO PRELO:

O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes.*

Daquem e Dalem Morte (Contos) — *Jaime Cortesão.*

Camilo Inédito — (*Notações de Vila Moura*).

Só — *António Nobre* (3.ª edição, com notas).

A ÁGUIA

Órgão de A Renascença Portuguesa

Vol. II — 2.ª Série

Pôrto — 1912

A ÁGUIA Revista mensal, órgão da «Renascença Portuguesa» — Directores, Teixeira de Pascoaes e António Carneiro; secretário da redacção, Álvaro Pinto — Redacção e administração, rua da Alegria, 218, Pôrto — Composição e impressão, tipografia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto — Gravuras de Cristiano de Carvalho, rua de Cedofeita, 95-1.º, Pôrto : : : II volume.

LITERATURA

MEUS OLHOS DOLOROSOS

A lua sobre um píncaro escalvado,
Teus olhos sob a fronte que os domina;
O sol morrendo, ao longe, aureolado,
N'um fundo de pinheiros e neblina;

Um rio manso, lívido, parado
Na concepção da Névoa; cristalina
Veia, onde nunca um raio afogueado
Matou a sêde tragica e divina;

Aparições de Deus e da Belêsa,
Sob formas de Cousas e Creaturas,
Perseguem os meus olhos que, ás escuras,

Choram como as creanças, na Tristêsa
Creadôra que é a Virgem da Agonia,
A Mãe piedosa e triste da Alegria.

Abril--909.

Teixeira de Pascoaes

A NOSSA SENHORA

Oh! mystica mulher, nascida na Judeia
Phantasma espiritual da legenda christã!
Imperatriz do céu, que para Além se alteia,
A Nação de que a terra é uma pequena aldeia,
E simples logarejo a Estrella-da-manhã!
Morena aldeã dos arredores de Belem!
Mãe admiravel! Mãe do soffrimento humano!
Mãe das campinas! Mãe da Lua! Mãe do Oceano!
Oh! Mãe de todos nós! Oh! mãe da minha mãe!
. . . .

o o
o

COLLAR D'ASTROS

Quando em Junho, n'este mez,
A aurora se ergue da cama,
Tão cedo (e ninguem na chama!)
Para a terra allumiar:

Mal poiza o pé
Se n'um bocejo abre a bôcca,
Logo sae, tontinha e louca
A cotovia a cantar!

E percorre todo o céu
Colhendo, á pressa, as estrellas,
Porque outra maior do que ellas
Vem atraz com seus clarões:

A dentro o seio profundo
Entorna-as por sobre o Mundo
Transformadas em canções...

Desce á terra e, logo, vae
Direitinha á tua alcova...
(Eu, alli, da minha cova
Vejo tudo meu amôr!)

E, n'um longo pio, um ai
Bate-te á porta
Tu, já sabes, vens abril-a:
Que infindos beijos, senhor!

E eu vejo-a abraçada a ti,
N'essa caminha de bôdas,
Enfiando as estrellas todas,
No teu collo, alvo lilaz,
. . . .

o
o o

Eu nada espero
Do meu porvir,
Por isso quero
Morrer, dormir...

Ai, chora, chora,
Amada flôr!
Que amei, outrora,
Com tanto amor!

Põe um enfeite
Com tua mão
A lua de leite
No meu caixão...

A lua é nova,
E eu vou, emfim,
Dormir na cova...
Orae por mim.

Leça 1886.

o
o o

o o
o

Quinta Victoria
Ilha da Madeira
Novembro, 19

Meu caro amigo

Logo viu decerto pelo meu longo silencio (falta de saude, vilegiaturas, desleixo de criados) que algum superior motivo havia em demorar d'este modo a resposta á sua carta, agradecendo a amabilidade do seu artigo, e mais do que tudo, quedar-me durante mezes sem ir abraçal-o na sua grande dor.

Foi pelo Adolpho Ramires que eu soube do fallecimento de sua mulher, o que não me cauzou inteira surpreza pelas más noticias que antes me tinha dado da sua saude. Entretanto, n'estes cazos dolorozos ha sempre um não sei quê de inesperado, chegada a hora,—e eu pensei muito em V., lembrando-me que, então no Minho, longe dos seus amigos, talvez só, a sua desolação precizava d'um pouco de carinho.

Embora tarde, acceite o meu abraço.

O meu retrato na «Mala da Europa» não era nada a minha pessoa, o que pouco importa nos poetas: a sua alma é a unica coisa interessante. E essa pôde V. mostral-a aos curiosos, decerto, embora eu me julgue um pouco augmentado com a bondade que me attribue. Gostei muito da synthese que faz da minha obra e achei bem: pareceu-me, comtudo, «trop lyrique» o photo que faz de mim, das minhas viagens, da minha lenda amorosa. N'um paiz pequeno, como o nosso, notaram-me, e quando um poeta é tambem um consul, ha sempre uma ligeira indiscreção em os apresentar assim, tão intimos, não é verdade? Só os amigos nos devem ver assim. Os mais não o merecem. Notaram-m'o, eu quasi que não notei nada, e o meu agradecimento pelas suas palavras é muito e é sincero.

Que dizer-lhe de mim? Regressei, ha tempos, á cidade, depois de errar durante o verão por estas montanhas da ilha, realmente bellas. Chamam a esta ilha, em phrase doce, a «Suissa do Oceano» e não exageram: vi paysagens, aspectos, montes como só nos nossos Grisons de triste memoria. De saude vou agora muito bem: em maio, se Deus quizer, partirei para Lisboa, definitivamente curado.

Serenamente, tenho assistido á marcha da minha doença, que,

como um medico, conheço. Li muito sobre casos do peito. O pulmão direito vae, a pouco e pouco, tornando-se em folle, como é o seu dever: nem para outra coisa preciso d'elle. O esquerdo bem, como sempre. Mas deixemos isso.

Que faz agora? Que tem escripto? Trabalhos novos? Eu tenho a impressão de que já não ha. Litteratura Portugueza... Callados todos! E eu talvez com maiores culpas. O que não admira. Sem estimulo, doente, apenas uma ou outra vez com um pouco de cavaco litterario... Ha dias, apezar d'isso, resolvi dar uma nova feição ao meu poema, que vai saindo bem e a meu gosto. Não ha como Paris, ou Coimbra, para trabalhar. Lisboa, como a Madeira, é terra de clima doce, de doce vadiagem: tivesse eu o canto do lume do meu quarto do Bairro Latino!

Um dos motivos principaes tambem da nossa falta de trabalho é a falta d'uma revista. Uma revista olympica, «hors ligne», inaccessivel, quanto eu a desejava! Porque não falla ao Gomes? Estou certo de que se venderia. Não ha na Europa, ia a dizer, no mundo, um paiz que a não tenha. Mesmo os mais pequenos. Quantas na Hollanda, na Belgica, na Grecia! Quantas em Paris! Eu collaboraria em todos os numeros. Magazine, por exemplo, como tantos que vejo ahi por cima da meza, d'onde lhe escrevo, mas um magazine com «ar», com esta feição especial que em Inglaterra sabem tão bem dar-lhes! E quando não fosse um magazine, uma simples revista, em mau papel (papel de assucar, ou queijo) mas com miolo optimo. Chymeras, não é verdade?

Escreva-me muito e presto, como uma generosa resposta ao meu silencio (embora justo), e conte-me, peço, casos novos, o que vae por Lisboa, o que se faz, sim? Entretenha este doente.

Então o Luiz Osorio vae casar?

Adeus. Abraça-o o seu muito dedicado

Antonio Nobre

N. da R. — Esta carta foi escrita em 1898 ao ilustre escritor, snr. Antero de Figueiredo.

indiscreção

indiscreção

indiscreção

A VILLA-FEIA

Villa-Feia, sobranceira a Entre-os-Rios, assenta na encosta que domina a juncção do Douro com o Paiva.

Este ribeiro desce obliquamente, como um fio de platina a fundir-se nas aguas d'oiro do Rio, que segue como um grilhão mysterioso, a perder-se no mar.

O antigo paço senhorial da Villa-Feia é um systema de torres e torreões extravagantes, casas afiladas de frestas altas e seguidas, que dão de longe a impressão de linhas pontuadas; e quadrados enormes, atarracados, beirados de ameias grotescas, frestas em losango, que poem na cantaria verde-negra, um recorte de retinas extranhas, attentas ao mechanismo liquido das correntes, e á paizagem rôxa dos montados.

Tanto o paço torreado como o plantio da maior parte do arvorêdo da Villa-Feia, foram obra d'um velho templario que, segundo a Lenda, veio esquecer alli as canceiras da Guerra.

Aquella architectura, informam os do povoado, foi idéa do templario. A deformação das arvores e outros *signaes* da Villa maldita, foram castigo de Deus, irritado com o porte de D. Alvaro de Castro Leite de Villar, um dos maioraes da Ordem que em 1312, Clemente V aboliu.

Corre a fama de que o grande cavalleiro fora um dos que mais justificaram a liquidação da Ordem militar religiosa dos Templarios, pois que escureceu o brilho dos feitos mais ousados com actos de desenfreada sodomia.

O seu temperamento, fóra do natural, delineara um castello desproporcionado e á parte, alheio á architectura do seculo. A natureza requintou em lhe deformar as arvores, dando á Villa-Feia uma Flora-monstro, invertendo o tempo das flores e fructos e afeiando as plantas de melhor raça. Mas não é sómente nas velhas arvores que os do Povo inculcam como plantadas pelo Templario, que as deformações se notam. E' em todas as arvores que ahi se disponham. Quanto mais formosas são fóra mais afeiam lá dentro. Ha-as chloroticas, abraçando-se n'uma adherencia de enxerto; outras, communicando serpentes de ramaria e abraços a muitos metros dos troncos; raças humildes attingindo desenvolvimentos notaveis; *eucaliptus,* geralmente desenvolvidos, que ahi figuram de anões enfezados, exiguos.

Desenvolvimento, florescencia e fructos parecem obedecer alli a leis especiaes. A Villa-Feia é um capricho da natureza: a bem dizer uma pagina de Pathologia vegetal.

Os mais dos fructos são acres; as flores, em meios tons, e d'um recorte exquisito, não têm aroma, o que faz que os camponios supponham que a approximação de taes flores lhes veda o olfacto.

Tudo alli é extranho. Cada arvore toma um aspecto diverso das mais da sua raça em outras terras.

O choupo-chorão abre em traços rectos; o *ulmus pendula*, de braços geralmente curvos no sentido do tronco, revira os ramos em hastes de novilho; cactos hirsutos, prodigiosos, vestem o sopé da encosta, formando cordões farpados; pinheiros bravos abrem-se em umbellas rôtas, de agulharia verde-escura; os cedros parecem arvoresitas de Natal, ramos de presepio; cyprestes bastos, tragicos e colossaes, poem pontos de admiração na paizagem; chorões, flexiveis como vimes, descem em tufos emmaranhados as suas lagrimas verdes, longas até aos pés; medronheiros de grandes troncos herpeticos de musgueira, de folha rota, mal vestidos, ostentam simultaneamente floritas brancas e fructos exiguos de coralina.

Os sobreiros jámais deixam o tom acastanhado que usam n'outras terras ao abandonar a cortiça: poem na Villa-Feia uma *nuance* de sangue velho, erguendo-se rachiticos, como adolescentes morenos alcançados pela phthisica.

Ainda nos recantos mais sombrios o chão é hirsuto de tojeira, cerdoso de espinhos bravos, bastos como pellagem de javali, salvo nas ruellas, abertas em lacêtes tortuosos, de uma collacção misteriosa de labyrinto.

Domina a villa um penedo enorme simulando uma figura gigante, deitada na tojeira, que se desdobra em volta como uma pelle.

É uma figura nua, guarnecida de musgos velludosos, ostentando signaes nitidos dos dois sexos; lembra a figura de Hermaphrodita que um artista ensandecido tivesse trabalhado ha muitos seculos e postada alli como um amuleto maldito do mundo sensual.

Corre entre os lavradores que o Penedo fora trabalhado por D. Alvaro em noites brancas de Janeiro de collaboração com o demonio que em baixo, no Ribeiro de Cobre, referve coleras.

E rapazes gastos e velhos sensuaes, crentes na sua virtude, vão nas horas mortas, pedir-lhe forças desbaratadas.

O Encommendado não se cansava de predicar o pecado em que incorrem os que veneram o mysterioso granito.

E velhos menos confiados contam casos de creaturas tolhidas, quando de romaria ao Penedo, depois encontrarem a alma-penada do Templario, de braço dado com o demonio a revêr a obra.

O Ribeiro de Cobre ganha a primeira altura da encosta d'um salto, borbulhando tufos d'agua escura, que razam em madria pela açude. D'alli partem levadas que cortam em leque os campos baixos.

Vogam na madria aves d'agua, pequenos cysnes e enormes gansos, de pescoços de cobra e bicos de fava, remando, de vagar, os corpos gondolosos, vestidos de penas, tufadas como ramos de chrysantos negros.

Tracto singular de paizagem morena, onde esparsos olivêdos, poem nodoas de saudade em cinza!

Parece haver o maior parentesco entre o Ribeiro de Cobre,

assim chamado em razão da côr e o arvorêdo em que predomina o acastanhado dos sobreiros.

O povo guarda-se cautelosamente de pescar no Ribeiro se bem que seja abundante em peixe e sobretudo em trutas, que lembram desenhos fugidos d'algum jarro precioso do Japão a refulgirem escamas de prata e oiro por entre o cobre liquido do humilde corrego.

É que desde muito se conta n'aldeia que D. Briolanja, a ultima morgada da Villa, fôra victima de peixes alli pescados:—que ceiara as endemoninhadas trutas n'uma vespera de Anno-Bom e amanhecera sem fala, muito branca, tregeitando esgares, até que morreu depois d'uma agonia mysteriosa ao cabo de poucas horas.

Para além da madria ha um velho moinho redondo, de grande circumferencia e pedra tosca, de juntas tomadas a verdura, com janellas oblongas e uma roda de dentes podres.

Semelha um carão horrivel de olhos azeitonados, comidos de ophtalmias, sobrancelhas rentes de musgueira verde-limo e bocca enorme, a que a roda de dentes cariada dá a expressão confrangida d'um riso diabolico de dôr.

É a agua que a bocca do moinho espuma em camarinhas escuras, travez a roda meia gasta, que vae sunir-se a distancia no lagedo amarello das alluviadas, que escondem o ribeiro n'um tracto de dez passos.

E é sob o lagedo que a agua espadanada contra a penedia baixa, referve coleras d'inferno, resoando n'aquella abobada d'acaso as presumidas falas do diabo, segundo a vóz corrente n'aldeia.

Sobranceira ao moinho, na outra margem, fica a *Eira de Vidro*, uma escama natural de mica luzente, que ao meio dia, quando o sol ahi bate, refulge a meio da Penedia-amuleto cordas de luz branca.

Circuita o exotico miradouro uma escarpa de granito rendilhado, que lembra o espaldar e braços d'uma cadeira gothica de Cathedral.

Finalmente é d'este poiso extranho que os valles proximos escutam e repetem os dizeres dos que ahi falam.

Condições de acustica desconhecidas poem no espaço trios de arremêdo!

Tal a descripção da Villa-Feia, conforme um inedito de Nuno de Villar, III conde de Nevogilde, e ultimo representante do Templario.

Era ahi que o Artista villegiava quando a cidade o aborrecia, ou sentia necessidade de dar azas á sua erudição e Arte.

Ahi escreveu *Os Sensuaes*, o melhor dos seus livros, varios capitulos da *Vida Plastica*, opusculos criticos, afóra artigos.

Dava-se bem com a paizagem-monstro que o cercava, e sorria, benevolo, sempre que perguntava e ouvia a historia do Templario.

Os camponezes interrogados é que o não indulgenciavam pela

transigencia com o execrado cavalleiro. E á puridade aventavam suspeitas:

—Que o representante de D. Alvaro parecia seguir-lhe as pizadas; que não era facil fugir ás leis do sangue; que na Villa-Feia tudo se deformava, os homens como as arvores... E discutiam as figuras que pernoitavam no velho casarão senhorial.

Do livro «Nova Sapho» *Tragedia extranha* (Romance de Pathologia sensual, a sahir do prelo).

TERNURA DE CHACAL

De Friedland a batalha—a mais sangrenta
Das que degradam a especie humana,—
Terminou. A' estulta gloria insana
Napoleão mais horrores acrescenta.

Descança o Heroe; o somno lhe afugenta
O excesso da fadiga, e a mente ufana
Exalta-o... Quer dormir; a mão tyranna
Toma um livro; a leitura o adormenta.

Foi ao acaso lendo. Estranho encanto!
Quando as lagrimas mudas, n'um momento,
Deslisam soltas n'um suave pranto.

Pouco o lançára no enternecimento,
Lendo *Paulo e Virginia!* Abalou tanto
O idylio insulso o Heroe sanguisedento.

Abril de 1912.

VERSOS DA ALÈLUIA

I

As velhas naus vieram fundear no porto,
As naus da Descoberta... E a marinhagem
Abandonou-as como a um sonho morto...
E aquela foi a ultima viagem!

Da beira-mar a patria, como um horto,
Sobe nas azas claras da paisagem...
E o povo, triste, fita a névoa absorto,
E espera, o olhar perdido na miragem...

Bandarra, Alcacér, duque de Alba... A morte
De Luiz de Camões!... Lá vai ao Fundo
A ultima nau do Mar, a nau maïs forte...

Noite...—A manhã de névoa hade chegar!...
—E no silencio trágico e profundo
—Ecôa a voz nostalgica do Mar...

II

E vai subindo a noite... Sobre a terra
Fantasmas e silencio... O oceano cala...
E' meia noite... E vai da praia á serra
O silencio,—a maré que a noite ezala...

Ó maravilha!... Mas que vulto erra
Junto do caes?... E o velho mar que embala?
Assombro!... As naus antigas!... Quem desferra
As velas?... E que voz divina fala?

Olha as naus, outra vês, de quilhas feitas
Ao mar, e as almas prontas á Aventura!...
—A capitaina as ancoras levanta!

Eh! povo, acorda, embarca!... Olha as colheitas
De gloria e sonho, vastidões, ventura!
—Embarca!—Acima, acima!—Camões canta.

20 de Junho.

DEPOIS DA CEIA...
Salão dos Humoristas

(De Ernesto do Canto)

AMOR DE MULHER

(Excerpto de um romance)

(A acção passa-se em 1836-37)

eu Deus! usa-se sempre a mesma coisa, para variar: colletes de amorine e acolchoado, calças de ganga, casacas côr de bronze... Estão em moda as charadas: a praga maior que inventaram mulheres! Dança-se o desengraçado *chassé* e o sem-sabôr *avant deux*. Monsier Paul, primeiro comico do *Gymnasio* de Paris, representa *vaudevilles* de Scribe no theatro da rua dos Condes. Temos sempre a Charini no circo Olympico do Avrillon e uma detestavel orchestra no Tivoli da Flôr da Murta. O Passeio Publico, um ermo! Em S. Carlos, dançam a Farina e a Clara: as mais lindas quatro pernas do universo! A Ripamonti canta os *Puritanos* como um anjo! Aboliu-se a procissão do Senhor dos Passos da Graça desde que sahiu á rua a procissão dos *Passos da Desgraça*. Como já não ha toiradas, nem liberdade, o Vimioso vende os cavallos e o governo faz dictadura. A Rainha está doente; o ministro da Belgica furioso. A nobreza morre de frio em Cintra por orgulho. Todos nós, sob o regimen proteccionista, estamos reduzidos a vestir de saragoça, por patriotismo. Ahi tens Lisboa, como a deixei ha cinco dias.

Alvaro de Sá escutava, abstracto e quieto, olhando as brasas faúlhar entre as cinzas do braseiro de cobre.

O visconde de Alva estendeu as pernas magras, compoz nas fontes os aneis da cabelleira perfumada, e acrescentou, depois de um silencio consumido em olhar, através dos vidros da janela, a praça tranquilla e deserta, que o luar de dezembro illuminava:

—Eu teria morrido cem vezes de tédio n'esta terra!

—Vaes amanhã?—perguntou Alvaro de Sá, acordando da sua somnolencia reflexiva.

—Ao meio dia. E espalharei por Lisboa que o Administrador Geral lê Lamartine; que o jacobino vae á missa do galo; que o pedreiro livre joga o voltarete com o bispo...

Ergueu-se do divan, buliçoso, foi ageitar ao espelho de um tremó o lenço de seda branca, e não findava de falar, com uma surprehendente volubilidade feminil.

—Tua mulher usa agora um toucado de velludo carmesim com plumas e rendas, que lhe vae a matar! Falamos em Seteaes, no domingo. Trazia um burnu de cachemira egual ao da Imperatriz.

—E a creança?

—Um cherubim, de *plaid* escossez!

O Governador Geral sorriu, fechou de novo os olhos.

Ouviam-se os passos da sentinella no largo. Os sinos da Sé, ao longe, tangiam para a missa da meia noite.

O visconde esticou as calças de gambrum, mirou o collete bordado a prata, a casaca cingida de duraque, deu uma volta pelo gabinete, entreteve-se por um instante a folhear o volume da *Atala*, esquecido entre papeis officiaes sobre o marmore verde do tremó. E de repente, erguendo os olhos do livro, pousando-os no rosto meditativo do governador:

—Esquecia-me dizer-te... Corria em Cintra, entre as senhoras, que estavas apaixonado!

Alvaro de Sá levantou-se, impassivel.

—Assim se explicava a tua dedicação ao governo e á democracia. Mas vou desfazer a intriga. As mulheres vestem-se aqui pelos figurinos do seculo passado. Ainda cá não chegou o *Correio das Damas!*

—E se estivesse realmente apaixonado?—perguntou, sorrindo, Alvaro de Sá.
—Porque as modas andam atrasadas não podes deduzir que tambem os corações envelheceram. Não me parece rasoavel que leves a elegancia ao exaggero de subordinar o amor á moda... Nem eu mandei affixar editaes abolindo o amor no districto.

—E' que não vi uma mulher que valêsse o artelho da Velluti ou as sobrancelhas da Tavola! Devassei toda a cidade, espreitei a todas as janellas. As damas olharam-me como Judith devia ter olhado Holophernes ao entrar na tenda... Tu discutes politica ao jantar: logo, não amas! Vaes á missa do galo...

—Logo, amo!

O visconde estacou, com os dedos enfiados nos bolsos do collete de setim.

—Ainda não tinha pensado nisso!

Sorrindo, Alvaro de Sá pousou-lhe no hombro a mão resplandecente de aneis.

—Então as pernas de Velluti são lindas?

—Porque não vens vêl-as a Lisboa?

—Noventa leguas para ir admirar uma mulher?

—É um sacrificio?

—Seria uma asneira, o que é peor! São inuteis mensageiros e supplicas para me fazerem resignar o cargo... Podes dizer isso em Cintra.

O visconde mordeu levemente os beiços, e até aos aneis da sua pretenciosa cabelleira espalhou-se um rubôr passageiro.

Alvaro de Sá deitou aos hombros, com um gesto indolente, a capa de gola de velludo e foi espreitar á janela a fria noite de luar.

—Não tenho uma frisa em S. Carlos para te offerecer, nem pernas de bailarinas para te mostrar... Farás hoje penitencia, acompanhando um homem virtuoso a uma tribuna da Sé para ouvir missa.

O visconde calçou as luvas em silencio, viu as horas no relogio; e pisando o tapete em passos leves respondeu com resignação desconsolada:

—É de esperar que toquem no orgão alguma velharia de Marcos Portugal...

—Não se toca musica profana na Sé—advertiu Alvaro de Sá, abrindo a porta do gabinete.

Ambos sahiram, embrulhados nas capas. A sentinella apresentou armas. Erguera-se um vento agreste. Apenas os Sinos da Sé, ao longe, despertavam do silencio a cidade adormecida sob o luar glacial de dezembro.

Aos primeiros passos, o visconde estacou.

—Vou buscar o *carrick.*

Alvaro de Sá teve um gesto de impaciencia.

—É tarde e perdemos a missa.

—Mas eu adoeço com uma pneumonia!

—Chama-se o medico—disse singelamente Alvaro de Sá, sem se voltar.

O visconde continuou a caminhar, pousando com infinita cautella os escarpins de baile nos pedregulhos do largo, rogando pragas ao municipio pela pessima conservação do empedrado. Impaciente, Alvaro de Sá promettia já abandonal'o n'um portal, mandando por elle a primeira liteira que encontrasse devoluta pelo caminho. Mas áquella ameaça, o visconde cobrou animo e a jornada proseguiu entre os redemoinhos do vento norte.

Ao fim de uma tortuosa betesga, abria-se o espaço mais airoso de uma pequena praça, onde bruxoleava a luz escassa de um candieiro, que balouçava á ventania no seu braço de ferro. Mulheres de capote e lenço encaminhavam-se para a Sé, cujos sinos tangiam mais sonoros. As chaminés dos lares, que a essa hora cosinhavam as ceias de natal, fumegavam na ventosa noite de inverno. De uma casa, com pedras de armas hasteadas nos portaes, sahia uma numerosa familia, precedida pelo creado com o lampeão de duas velas. A espaços, a andadura, resoante dos machos e o rodar de alguma sege afugentavam dos telhados os pardaes engeridos de frio.

O Administrador Geral estugava o passo, acompanhado de perto pelo visconde, que disputava ao vento a sua capa á russiana, divagando sobre as penitencias da Egreja e o martyrio dos christãos.

Avistou-se finalmente a arcada, a rua do Arco, onde ardiam fogueiras, o largo de S. Paulo com o edificio do governo-civil e o obelisco do chafariz. As

torres da Sé erguiam no plenilunio as ameias denegridas. Liteiras e seges esperavam no adro, em frente dos velhos paços do Bispo. Atabafadas em chales-mantas, burnus e carrikes, familias seguiam em fila pelos passeios estreitos, atrás dos creados com as lanternas. Homens encapotados rebocavam cavallos pela redea.

Abrindo caminho por meio do povo, embuçados nas capas, os dois atravessaram a praça, onde as moças da aldeia armavam danças ao som de gaitas fanhosas e pandeiros sonoros. Entre o entôno dos pregões, o rumorejo das conversas e o tropar dos cavallos, tiniam as campainhas das irmandades esmolando para o presepio. E ainda uma legião de mendigos, exhibindo aleijões, pustulas e molestias, empecia o passo dos devotos, assaltando as portinholas dos carros com algaridos de preces e de lastimas.

Finalmente, os dois alcançavam os degráos da egreja quando uma grande e morosa liteira estacou e uma alta mulher, embrulhada n'um chale de velludo preto, desceu com a creada, arregaçando a saia do vestido *gros de Napoles*.

O visconde ia a subir, fugindo aos mendigos, quando reparou que o Administrador Geral ficara para trás, immovel, a meio do primeiro lance de escadas.

As suas mãos refulgentes de aneis tinham afastado do rosto pallido as bandas da capa; e de entre a renda da mantilha os olhos luminosos da mulher encontraram-n'o, fixaram-n'o por um instante, com essa doçura que o olhar só tem para quem ama.

Depois, lentamente, a mulher do chale de velludo subiu os dez degráos, com a solemne ondulação de uma rainha, até desapparecer na nave sombria, onde scintillavam os cirios do altar-mór.

—Alli vão dois olhos perigosos!—murmurou o visconde ao ouvido do amigo.

Alvaro de Sá estremeceu levemente e esteve ainda acompanhando com a vista o liteireiro, que se afastava pela praça tangendo os machos, até vel-o encalhar a pesada liteira junto ao cunhal de uma travessa.

Mal chegados á tribuna, o visconde debruçou-se no varandim, á procura da dovota do chale de velludo. Mas inutilmente, na sombra densa que descia das altas e sonoras abobadas de pedra, de cinzeladas nervuras, o visconde tentava descobrir essa mantilha preta e o explendor d'aquelle manso olhar, que por um momento pousára, como uma promessa, nos olhos extaticos do governador do districto.

Pelos altares do cruzeiro, mais ao abrigo do povo, havia grupos de damas que se cumprimentavam como n'um serão, cochichando, dizendo adeus tilintando braceletes. Sobre os livros de missa tremulavam plumas, debruçavam-se toucas de blonde e chapéos de castor. Homens de carrik e capote, segurando atrás das costas os bengalões e os chapéos de copas enormes, ouviam a missa com devoção e recolhimento. Um zum-zum de reza ascendia da mancha escura de povo, comprimido e ajoelhado. De onde a onde, na densa penumbra, scintilavam as escamas, dragonas e chapas dos soldados.

Até á elevação, o visconde pacientemente pesquizou os degráos dos altares, os espaços frouxamente illuminados pelo reverbero pallido dos ciriaes e pelos clarões mortiços das lampadas. E já sem esperança de encontrar o chale de velludo, voltou-se na tribuna. Mas Alvaro de Sá tinha desapparecido.

Sem uma hesitação, o visconde deitou a capa aos hombros, pegou no chapéo e na bengala, desceu a escada da tribuna, só parando no adro. Embuçado cautelosamente, atravessou a praça por entre os grupos de ségeiros e lacaios, dirigindo os passos rapidos para o cunhal da travessa onde momentos antes o liteireiro encalhara a liteira. A meio caminho, um apressado vulto cruzou por elle, em direcção da egreja, e o visconde reconheceu Alvaro de Sá. Então retrocedeu, sem largar de vista a sua ligeira sombra.

Mas sentindo a perseguição subtil dos escarpins de baile, o Administrador Geral estacou e voltou-se.

Sorridente, desembaraçando o rosto da capa, o visconde avançou.

—É assim que os homens virtuosos da provincia ouvem a missa do galo?

Alvaro de Sá estremeceu, olhou em redor, titubeou:

—Vim tomar ar... Abafava... Ia buscar-te...

—Exactamente como eu... Abafava... Vim procurar-te para aquelles lados, onde ficára a liteira da mulher do chale de velludo...

E o visconde, finamente, sorria.

Alvaro de Sá cresceu para elle um passo. De sob a capa, a sua mão resplandecente estendeu-se, crispou-se como uma garra no braço fragil do amigo.

—Por cada palavra de maledicencia que venha a cahir sobre aquella mulher, disparo uma pistola á cabeça do calumniador!

—Entendido!—disse tranquillamente o visconde, desembaraçando o braço da convulsiva mão que o algemava.

Alvaro de Sá tinha a voz suffocada, como um homem que galgou uma encosta a correr.

—Nunca falei a essa mulher!

—Está bem—disse com serenidade o visconde.

—Nunca mais a tornarei a vêr...

—Vae-se embora?—perguntou a voz calma do janota.

Mais baixo, n'uma voz que arfava, Alvaro de Sá retorquiu, raivoso:

—Que te importa?

Então, na sombra, o visconde sacudiu n'um protesto os aneis da cabelleira á Capoul:

—Nós fomos creados como dois irmãos; tivemos as mesmas amantes; comemos tres annos á mesma mesa; fugimos do marquez de Chaves na mesma sege; gastamos em Londres da mesma bolsa. Guarda o teu segredo e as tuas ameaças.

—Vieste de Lisboa para me espiar!

—Estás a esquecer na provincia a significação das palavras que offendem! Vim de Lisboa com uma missão, é certo. Não para espiar o amigo, mas para arrefecer as exaltações do patriota. Eu sou apenas um frivolo, para quem a tua democracia nunca passou de uma extravagancia. Tua mulher receia ver-te exposto ás represalias da opposição ou ás balas de um exaltado. Os Sás não nasceram para morrer ridiculamente pela plebe ao virar de uma esquina. Todos os dias és ameaçado. Os ministros, em Lisboa, são menos democratas. Dizem que te occupas em promover o bem-estar dos povos. Não sei. Os jornaes insultam-te. Para uma fidalga aparentada com a melhor nobreza do reino, é vexatorio lêr nas gazetas que o marido dissolve assembléas cartistas, faz evacuar, acompanhado de arruaceiros, os clubs dos *chamôrros*, é conhecido pelo *rei da canalha* e estende a mão aos soldados da guarda nacional. Posso errar, mas a intenção que me trouxe foi excellente!

Nas torres da Sé repicavam os sinos, annunciando o alvorecer do dia de Natal. A missa acabára. Já os liteireiros tangiam os machos das liteiras, os bolieiros aproximavam as traquitanas e as seges. O povo descia os degráos da egreja em borborinho. De toda a parte, os creados corriam açodados com as lanternas.

Então os dois atravessaram o largo, tomaram em frente, á estreita e silenciosa betesga, apenas illuminada pelo escasso luar de dezembro.

Agora apaziguado, com uma voz triste e difficil onde esmorecera a vehemencia, Alvaro de Sá respondia, cruzando no peito a capa de velludo:

—Não sou mais democrata do que os ministros, nem mais exaltado do que esses que me accusam. Minha mulher receia as represalias dos cartistas? Mas não é com elles que está vivendo em Cintra? Quando fui nomeado para administrar o districto, recusou acompanhar-me, com o pretexto de que a fatigava a jornada. Estava em Belem no dia 4. Eu sei! Estava no segredo do golpe de estado que me ia expor ás furias e aos excessos da opposição; e assim ajudava a carregar a clavina com que ameaçam matar-me! Sou já um suspeito ao governo. Minha mulher vive em Cintra com os conspiradores e offerece ramos de loiros ao Saldanha... Ha quatro mezes que recebo cartas perigosas, que podiam ser interceptadas e fazer-me passar por um traidor. Hoje és tu que vens, como um embaixador das damas de Cintra, seduzir-me e ridicularisar-me... O ministerio desagrada aos aristocratas porque defende os principios da democracia? Os meus actos envergonham minha mulher? Assim, quando arrisco a vida pelo bem publico, ella esconde o pudôr atrás do leque?

—E as lagrimas...

—Ou os sorrisos! Hoje, que está em moda a descrença, é ridiculo o homem que tem fé, mesmo para as mulheres! As senhoras vão a S. Carlos ouvir operas, emquanto o povo se bate nas ruas. A rainha gosa pela segunda vez as delicias de uma lua de mel, emquanto a nação é entregue ao saque dos *devoristas*.

—Morreu-lhe o primeiro marido...—arriscou o visconde.

—Naturalmente! Porque lhe morreu o primeiro marido... E quando o la-

vrador pede sementes para semear os campos devastados, a côrte dança *vis-à-vis* nas Necessidades. As mulheres enxugam o sangue das guerras com as caudas dos vestidos de baile. Quando ainda se não apagou da memoria dos homens a imagem das fôrcas, o principe consorte faz desembarcar na Junqueira os inglezes. Sobre a tragedia volteia a frivolidade. As mulheres pretendem governar os homens e mandam os janotas como embaixadores aos patriotas. Não; tu não me comprehendes! Dos camarins das bailarinas não se vêem os homicidios, as miserias, as angustias e as desesperanças que devastam as provincias e as cidades, n'uma guerra peor do que a passada! Era preciso inventar um motivo que explicasse a minha dedicação ao governo e á democracia. E tu mesmo m'o disseste: esse motivo encontraram-no em Cintra: estou apaixonado! E tu homem frivolo, tendo surprehendido um olhar que se demorou em mim por um instante, dirás que as damas de Cintra adivinharam, que eu estou realmente apaixonado, que a minha dedicação ao governo é uma impostura, que a minha administração vigilante é uma burla, o meu sacrificio é uma hypocrisia, a minha austeridade uma mentira, a minha solidão uma libertinagem, a saudade do meu filho um estratagema! Dizes que não vieste para espiar-me... E sorrateiramente, como um policia de profissão, o fizeste! Não; tu não me comprehendes! Quando, em Londres, ias cortejar as mulheres para os *music-halls*, eu ficava em casa trabalhando. Do passado, só guardei os aneis dos dedos; tu conservaste uma cabeça ôca e um coração ligeiro. Hoje mesmo escrevi a minha mulher, ordenando-lhe que viesse. Espero que farás as maiores diligencias junto d'ella para que me obedeça. Tenho sido um marido paciente. Não desejo ser um marido auctoritario.

—E a dama da liteira?—interrogou o visconde, surprehendido por aquelle desfecho inesperado.

—Entre mim e essa mulher nada houve de mais grave do que esse innocente olhar que surprehendeste! Da minha bocca nunca lhe chegou aos ouvidos uma palavra!

Calou-se; e logo depois, muito baixo, como uma prece, estendendo ambas as mãos para os hombros do amigo:

—É preciso que minha mulher venha! Vê se a convences... E que traga a creança: o meu filho; ouviste?

Era n'uma solitaria rua, sob uma esquiva luz de lampada que balouçava em frente a um painel de azulejo, illuminando frouxamente a mitra e o baculo de um bispo. Ao longe, repicavam sempre os sinos da Sé, n'uma toada festiva. O visconde, pensativo, batia a calçada com a ponteira de ouro da bengala. E de repente, a uma distancia de dez passos, da escuridão de um portal, luziu a faisca de uma escorva e a carga de uma pistola bateu no cunhal de pedra, por cima da cabeça do governador do districto.

Uma voz raivosa disse na sombra:

—Erraste, patife!

E dous vultos abalaram pela treva da calleja, apanhando as abas dos capotes. O visconde ficára no sitio, immobilisado de assombro.

O Administrador Geral observou, com uma voz que de repente serenára:

—Tinha-me esquecido de que não posso andar de noite... É prudente mettermos direito a casa e caminharmos depressa. Não convém que as senhoras de Cintra tenham conhecimento destes encontros nocturnos.

Voltando a si do assombro, o visconde falava em perseguir os matadores e brandia uma minuscula pistola de salão, que parecia um brinquedo e scintilava com uma joia.

Alvaro de Sá fel-o guardar no bolso do collete de baile a sua pistola inoffensiva.

—É inutil correr. A esta hora desappareceram. Seria preciso cercal-os e somos apenas dois. Vamos, emquanto não acode gente ás janelas.

—Mas assim se dão tiros?—objectava, pallido, o visconde.

—São as moedas com que se paga aos patriotas a chocarrice das damas de Cintra...

Dobraram os dois á esquerda, subindo açodados uma ladeira ingreme; e quando dez minutos depois, no gabinete, se desembaraçavam das capas, o visconde, offegante, com os escarpins enlameados, ainda elevava para o tecto as mãos, em gesticulação attonita:

— Peor do que montarias a lobos! Valeu a pena curtir annos de exilio em Londres, ter expulso o francez, o inglez e o usurpador; ter visto as forcas e ter lido os philosophos; ter estado na Terceira e no Mindello; haver acclamado a Carta e jurado a Constituição, para se ser alvejado ás esquinas pelas pistolas da canalha! Com franqueza: o povo não vale as bailarinas de S. Carlos!

Alvaro de Sá encolheu de leve os hombros com um sorriso triste de duvida e atirou a capa e o chapéo desabado para o canapé de velludo.

— As balas não me querem... Ha uma mysteriosa mão que as afasta da minha cabeça...

— A minha vale menos, mas tenho-a em maior preço — disse o visconde, parando de girar pelo gabinete.

Alvaro de Sá voltou a sorrir.

— Não merece a pena gastar tantas palavras com uma pouca de polvora que detonou. Esse tiro apenas nos fez mal aos ouvidos. Os meus argumentos eram talvez fracos. Aquella pistola sem raciocinio veio em soccorro delles e tornou-os de prompto decisivos! Governar nestes tempos de anarchia é peor do que commandar em tempo de guerra. Mas tudo isto não impede que vamos cear com appetite e alegria. A provincia torna os homens grosseiros. Preciso de entreter novamente relações com Babylonia. Quero ser tambem, nas horas vagas, um homem elegante e frivolo. As mulheres apreciam-n'os. E as mulheres são maravilhosos instrumentos politicos. É-me proveitoso saber se as mundanas do Tivoli usam ainda saias de levantina e mangas á jardineira; se quem dança melhor na *Duquesa d'Argyles* é a Pontiroli ou a Velluti; se te parecerem bem os chapéos azues *á Constituição;* se pertences ao grupo dos *tavolistas;* se defendes a pirueta de *madame* Farina ou o *glissado* de *mademoiselle* Clará...

O visconde deu dois passos pelo gabinete e parou.

— Essas coisas interessam-te?

— Porque não?

O visconde proseguiu no seu reflexivo passeio.

— Em que pensas tu? — perguntou Alvaro de Sá, surprehendido.

— Não sei, mas não pensava na moda...

— O tiro atordoou-te!

— As tuas missas do galo, as tuas mulheres de chale de velludo e as tuas emboscadas nocturnas desagradam-me!

— Que queres tu? Não ha outros passatempos... É assim a vida na provincia... A estas horas, a egreja está vazia, a pistola descarregada e a mulher esquecida. A noite acaba como principiou: sem fé, sem sangue e sem amôr. Podemos cear tranquillos...

C. Malheiro-Dias.

UM PINTOR D'AGUARELAS

ALVES DE SÁ

(ESBOÇO EM ZIG-ZAG)

As exposições de paysagem servem a cinzelar na sensibilidade relapsa de quem lá vae tendencias p'ra um afalcoado bemquerer á feitiçaria beijante da Terra verde?

Creio que não servem. P'lo menos assim pensa um prósista mórbido, meu amigo, morrendo por mimar galbos de vaga múrmura ás suas outônerias de estilo e de quem eu procuro seguir na vida a máxima fulgural: — Faz de desprezo o teu *delirium-tremens.*

"Taes — explica elle —, que smórzam os olhos duros ante uns centimetros de lona, onde uma incerta arvor' se atonisa no somno cataléptico das tintas, ai, nunca, nunca á paysagem real pediram ópios. Todos os dias atulham os comboios p'ra ir têr com ella, frequentá-la... myopes levam binóculos. Mas, *verbi gratia*, que pretendem cocár atravez d'elle? Corpos d'arvores coreicos, *fusinando-se* na grisalha dos "longes„? Não, amigo: simplesmente, o registo *quase*-mundano dos jornaes. Quantas vezes, tambem, o despeito cinzento-chumbo dos eternamente jungidos á mesquinhez do seu terceiro andar...

E "as adoraveis macácas Y„ — chrômos de salinha burgueza ou *maquettes* do frivolo que galvanisam Paquins hemorröidarios?... Nenhuma que não diga dum *poente*: "E' muito fino„, com o vazio emocional do refrem: — "mas se eu o amo, mamã!„, pleitando as intenções contrariadas dum Alfredo pluri-asno„.

A pintura devendo ser a *eternisação* da esphinge semi-fluida que espéctram num *fascias* certos minutos de spasmo conceptivo ou na paysagem a sombra — dôr do espaço —, quando as coisas começam o seu sonho, importa indagar o *quantum* de fé mediéva, paroxistica, contracturante que, no seu afan, pôz o artista de que ora trato.

Folheio o catalogo: assumptos neutros, gibosos assumptos, *táboa* duma sensação parecendo amar da natureza, em especial, o seu execravel "dia claro„, grazina, acutilante, martirisante, metálico, reverberando, voluptuado, o óxido do sol. Vão exemplos: *Barcos de pesca (Tejo), ao nascer do sol: Nascer do sol (Tejo).*

O vento, horas mortas, crepusculos d'outôno estrebuchantes, mãos da penumbra, tão profundamente maternaes, em que os pobres e os timidos *se esquecem* — p'ra ser deuses, certas arvores *em transe* no adeus da tarde, a chuva — vóz de seda caindo e orando... todo o hamlético mundo que nos plange o seu murmurio de nuvem vagabunda, em que ha beijos, súplicas, ameaças, remorsos de Lady

Macbeth, soluçando... ah, eu duvido que o aguarelista o sinta, bem nas suas artérias, profundamente, como um *mors-amor* filtrando-se-lhe no sangue.

E' certo: aqui, alem, a elle se refére *(Pôr de sol no Tejo, Doca Grande de Santos ao pôr do sol)*; mas fá-lo-ha em gentil-homem galhardo, epicureano em bom tom, por fina cortezia para com o uso que dictatoriou indispensavel, num catalogo d'exposições, a menção de assumptos — *mais ou menos tristes, o seu bocado carregados*.

"A febre chamada viver", de Edgar Poe que, como uma tatuagem sinistra, assignala todos os que fazem arte com uma especie de auto-sadismo obsecante, talvez não passe em Alves de Sá dum estado de sezão, diga-se, pouco pernicioso de caracter e com magnanimos claros de plenitude... visceral. O seu pincel é discreto, um pincel de confidencia e *demi-jour* — tons de syncopes da antemanhan beijando, tristissima, o corpo morto da noite — musa do Medo.

Pela tympaneria óptica que produz, á aguarela recai o papel de fixar a fémea que passa com o seu contemporaneo typo de mulher-téla que as toiletes clarescuram de sortilégio, a sua vehemente cabeça de *pochade*, olhos ideando, spasmicos, torsos nús, mãos de marfim respirante; beleza vesanica de cidade, feita de asymetria e elypses de laguna...

Não se preocupou de tal o pinturista quando escolhia motivos p'r'ós seus "Estudos".

Pois bem: apezar de tanta negligencia, sobrepticiamente contravindo a repuxar a minha antipathia, alguma coisa faz que eu sinta por elle ternura e admiração: o facto de ser um artista que usa ainda cabeleira!

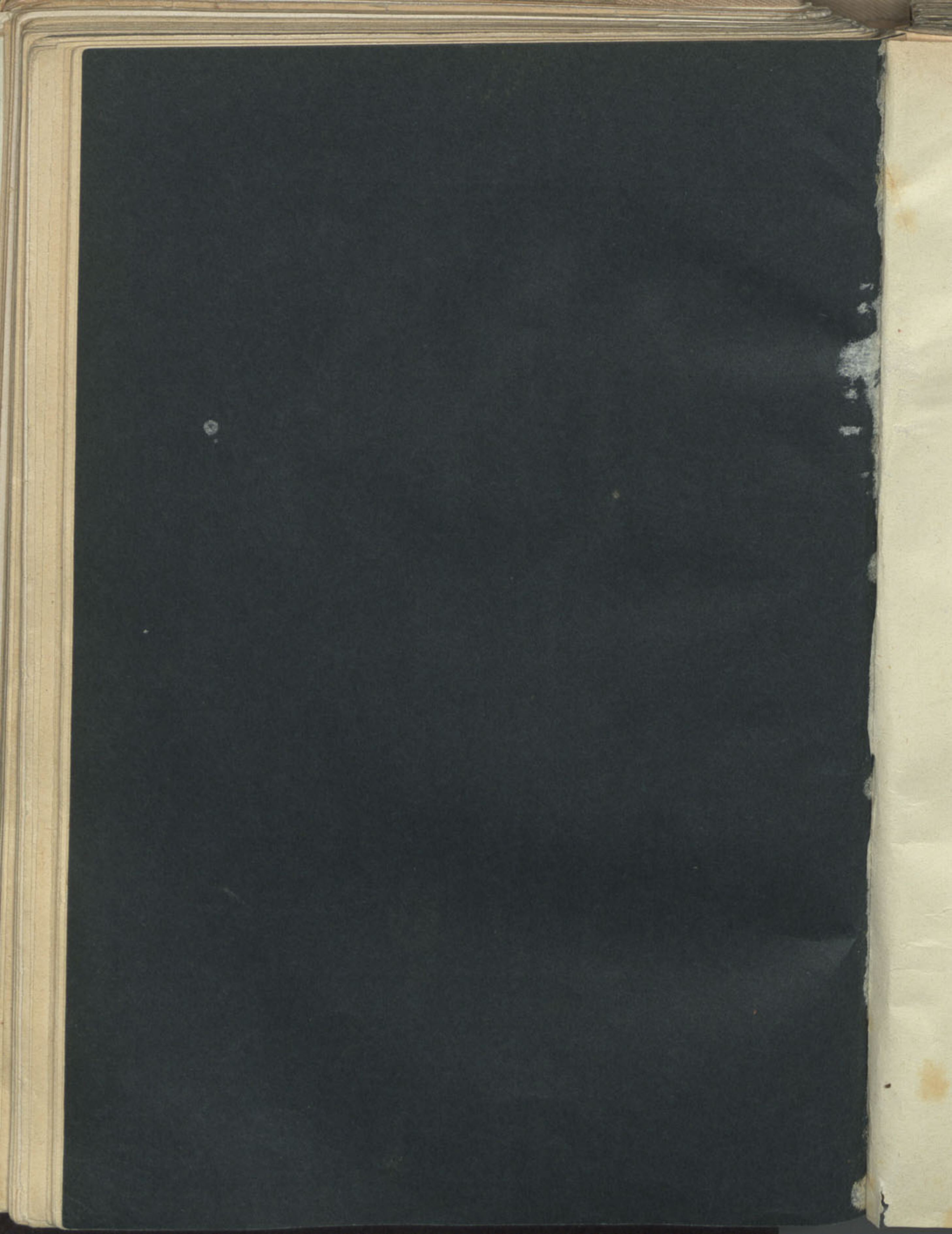
Neste strugleano século de *descuiamento*, em que é mister cultivar com ardorosa assiduidade, a Chiméra e um barbeiro, a sua cavalheirosa obstinação radia dum encanto que amolece e, nobremente faz jús a apotheóse.

Assim o compreendesse um jornalista batrachio, como todos os jornalistas, que, com evidente sarcasmo de gânimedes, apodou de — romantica — a cabeleira do meu aguarelista.

Lisbôa, junho de 1912.

Carlos Parreira

ESTUDO

(De Margarida Costa)

O SALÃO DOS HUMORISTAS

Fechou o Salão dos Humoristas onde nada faltou — nem sequer humôr.

A mascara da comedia grega tem as pupilas cegas; das orbitas vasias escorre implacavelmente o filtro da ironia. Tem a fonte serena como uma rocha inacessivel. A boca retezou-se, fez-se gladio; e esparsos na sua face petrificáram sulcos do filtro num riso que se sente, acordados a uma voz que se advinha lendo o elogio esteril das coisas vãs.

A mascara do Humor dos nossos humoristas é cabeçuda e sombria. Tem o craneo luzidio e liso, os olhos encovados, e as pupilas olham baixo, desconfiadas, sob as pálpebras papudas. O rosto é um bocejo calmo. O bigode grisalho gradeia a bôca, apanha o beiço inferior, caído e desageitado. Tem pêlos nos ouvidos. Ata ao pescoço uma gravata bicolôr, e encheu de caspa a gola do casaco. Não é a mascara do Humor: é um retrato a crayon de amanuense com filhos e letras no fim do mez.

Ora sucede que na Rua Ivens ha uma sociedade de pessôas limpas, genios calvos, sujeitos ornamentaes de esquinas do Chiado, proprietarios em Mato-Grosso, primeiros oficiaes, e outras fôrças publicas — o que se considera o equilibrio nacional —, denominada, como muito era de ver — *Gremio Literário*. Á sombra deste oloroso roble (já Eça de Queiroz lhe chamou faia) gosávam os Poderes Constituidos as delicias estivaes, perdêram portadores de nomes vastos a derradeira charneca, e *brazileiros* considerados, junto ao fogão, sonham mudanças de cambio, olhando o fogo, pensativos.

Por uma ironia singular aqui abriram os humoristas o seu primeiro Salão.

A tentação dum artista que muito préso, enleou-me a tal ponto que me achei comparsa na inauguração. E porque me pareça de particular interesse para os anaes do humorismo o que então vi, e ouvi, aqui deixo de tudo imparcial relato, pedindo desculpa a todos de qualquer falta que a pena ou a memoria inconsideradamente hajam de acaso cometer.

O que ao primeiro relance mais feriu a minha vista (devo dizê-lo?) foi o amavel aspecto dos artistas, numa tal compostura que muito era de agradecer; pois alguns houve que dentro de seus habitos davam mostras de sacrificio, e em todos era muito curioso ver o ar endomingado que tinham querido tomar para melhor receber os visitantes.

Mas logo o meu olhar se desviou para uma pequena e volumosa familia que ante o autor encarecia uma sua produção. Era o desenho, se bem o vejo ainda na memoria, a alegre frescata duma familia no campo gosando os ocios dominicaes; e tinha ao alto, em classificação — *Caricatura impessoal*. E mostras de tanto agrado lhe estava dando o grupo, em tão contentes sorrisos, que logo o chefe apeteceu te-lo à mão, no proprio domicílio, e com amigos e conhecidos continuar o gôsto que lhes dava e iam comentando:

— Este é o Zé Luciano. . Este agora... é o Bernardino...

A digna esposa, se bem que asoberbada de calôr, quis tambem conhecer uma figura:

— Olha: este é o *José* Povinho...

Até o menino, muito redondo, espalmou o dêdo no vidro

— Este é um burro!

E era: tinha falado a inocencia.

Chego-me agora a um grupo elegante onde o galbo marinho de dois corpos me prende o olhar, em caricias ondulantes. Paráram indecisas, a meio do salão, esperando a mãe. Têem na linha dos flancos uma volupia vegetal tão enleante e nobre que di-las-hieis filhas de ogiva e incestos de luar. O ritmo das suas curvas embala-me; e sem eu saber, junto do grupo me sinto e dum senhor impecavel que se ficou cumprimentando a mãe com modos de cão de raça.

— Ainda bem, ainda bem que o vejo. Lisbôa está um horror, sabe? Muito calor, pouca gente, más caras... Tudo isto me fatiga e me aborrece. Vou passar um mez ao norte, em casa da Carlota.

Ficou desolado. E logo perguntou, muito familiar, se as pequenas tambem iam, quando voltava, onde iria fazer o seu agosto; e rematou, indicando as paredes:

— Engraçado...

Já as pequenas descobriram um aprendiz de heroi, da Politecnica, todo a estoirar na farda, que sussurra malicias a um colega mirando a caricatura. Cumprimentos.

— O seu amigo Souto pareceu-me tão mône...

—Sim? Que fez você ao rapaz?!

—Ora essa; perguntei-lhe pela Luiza Vianinha, se gostava mais de a ver em casa ou no jardim...

—Essa é bôa...

—Ouça lá: quem é aquele que está a olhar para aqui?... Sim, o mais alto...

—Ah! esse é *cá da coisa*... Cá das piadas...

Logo me perco entre a gente que vem entrando, e se espalha pelas salas, aos primeiros cuidados dos humoristas que prodigalisam explicações, antevendo hipoteses mercantes, em frases cautelosas, envolvidas em manteiga, a sentirem-se acanhados na arte de ser galante.

Agora é a vez da mocidade das escolas, que vem entrando: teem feminilidades no andar, sorrisos incolores diante tudo, e atravessam as salas na ponta dos pés, afeiçoando com a dextra o penteado.

E novos grupos entram.

Lá vem eles todos, os criticos de botequim. Olha o Lucio como vem formoso:—bem se vê que já cóme á mêsa do orçamento. E o Quirino cada vez mais vêsgo desde que o Lucio come bem e ele roe as unhas.

O Lucio achou muito acabado, muito *grêgo,* aquele pano das Três Graças; atraz o Quirino teve um silencio.

Lucio, o principe do adjectivo, ergeu o monóculo, em lentidão liturgica, poisando-o num grupo tagarela, tocando numa rapariga airosa curvada ante uma estatueta, desviando-o pelas parêdes.

—Incisivo... Pictural... Este rapaz—e olhava em torno, a lapidar o gesto—é sobretudo metafísico!

O Quirino vá de se encolher num silencio mais distante. E o Lucio, sempre muito parnasiano a recortar o gesto:

—Você dedica-se à metafisica?

O Quirino, acordando:

—As vezes... Em familia...

Chega a gente à *térrasse:*—a cidade entorpecida sob as patas da canicula, telhados, o rio, uma falua soltando vôo, e os montes da Outra-Banda num velador da luz.

Ha um delírio de côr na casaria: e vejo basaltos extáticos em adoração às penumbras da rua, gritos estridulos em bairros populares, grotescos tons tuberculosos cegos na festa da vida.

Para além do rio os longes tentam-me: os longes são cólos de cisne, gestos de corpos femininos que se entregam na distancia.

E um momento, estirado na cadeira, os meus sentidos vivem embalados num além-mundo inconsistente e vago...

Como a meu lado um genio oficial soletra o *Figaro*, volto para dentro. A sombra envolveu a sala por tal fórma que os meus olhos cheios de sol mal conseguem distinguir todo um escorrer de figuras, vestidas de penumbra e de silencio. E todas caminham, todas coleiam, todas se somem, sem ruido, não se vão acordar umas às outras. Entrou agora o Poder Executivo, seguido dos homens graves, dos detentores da Constituição. Os artistas ficaram-se todos em fila, como tochas de enterro, em frente ao Estado. O Marta, junto à mêsa, tornou-se mais soléne ao entregar a pena, solicitando o nome. E o Poder Executivo nem sorri: o Poder Executivo considera... Escorre das salas uma tal melancolia, que a gente, sem saber como, se sente levado nela; e sob o público curvado a inscrever o nome, me pareceu ver na sombra uma larga tarja preta nessa folha de papel onde os nomes se sucedem, isocronissimamente. Aquela bandeja, sobre a mesa, coberta de papeis, estranhamente me perturba: e sobre os ombros hirtos lancei meus olhos, ansiosos de a descobrirem, presos na sedução do que ela ocultará.

E eu vi, eu vi então o Marta sobraçar a bandeja, dela ir tirando velas que estendia aos convidados. Na moleza das sombras uma figura andava dando ordens, numa voz tam serena e tam sumida, que só junto de mim eu a notei. Era angulosa, elastica, vestida de escarlate, com os labios vermelhos e a cinta duma vespa. Tinha no olhar um ruidoso escarneo, e as comissuras delidas de quem na vida só ri e vence. Trazia um letreiro na ponta do chicote, como os *Varões* do snr. Valença, dum sabor a farça e carnaval: *A Caricatura.* E puxando no braço do snr. Alfredo Candido, murmurou-lhe ao ouvido, discrectamente:

— O cavalheiro tem a bondade... Vai para o segundo turno...

Não dizia eu aos senhores que nada tinha faltado, — nem sequer humor?

Ao de cima do que aí se vê fazendo cócegas à vista — os marujos do snr. Candido, e o pim-pam-pum em barro do snr. Coisas — surge um artista tam distante de todos os bons senhores humoristas, que é, se os cavalheiros dão licença, o mais perfeito, o unico até agora perfeito artista da caricatura nado e criado em terras de Portugal.

Cristiano Cruz, o mago da ironia, — olhos quebrados para as coisas de enredor, varando um àlém ideal de linhas em que desnudam o mundo das vestas usuaes para apenas verem na vida o caricato e o comico. Visão estranha, evocada em relevos, fantasmagorias de nórdico escritor, erguendo para àquem da vida um claro velador em que a vida perpassa só no que tem de caricatural,

— visão que torna este artista irmão gémeo dum Balzac do grotesco, nunca lido.

Fazer caricatura é seguir as sombras das figuras, ora alongando-se em picaresca ronda de espectros-marionetes, agora fluidicas e misteriosas, logo já nedias e anafadas como a gordura dum felizardo. É vincar nas linhas da sombra humana o proprio riso, — como o esqueleto é a memoria grotesca duma corteză gloriosa.

Da vida se ergue uma carícia múrmura que nos roça com azas de crepusculo, e nos enleia em ciciantes vozes marinhas, e nos envolve em sonho, a desmaios de luar. Então, à hora hiperlucida do espírito, a gente escuta as confidencias maguadas que têem as fontes, primeiros deslumbramentos de flores a abrir, as epopeias altas dos Oceanos e o silencio das aguas mortas. Isto se diz sentir a vida.

Mas entre a multidão que reduz a si-mesma a razão da existencia, ha conflitos, situações, gestos e traços que o homem criou à sombra do passado, ao sol maneiro dos dias correntes. E tam *feita* é a vida que aí vai andando, que a cada gesto o homem desenha um arabesco cómico, e da mais trágica situação se levanta a ironia aveludadamente. Só o dandi ideal num mundo supersensivel atingiria a negação do grotesco. Mas — ai! — o dandi ideal não usaria chinó?

Porque tanto o ascetismo de Simeão Stilita como a vã oratoria dum legislador têem em si-mesmos a linha caricatural, desenhando-se, tornando-se relevo ou diluindo-se nos longes. Destacar essa linha, atacando na medula o cómico, e com ela o conflito, a situação, o gesto que a gerou: e eis o caricaturista.

Por isso mesmo, a historia da nossa caricatura realiza o paradoxo de ter primeiro capítulo no que ainda está para vir. E' ver o que se fez desde os tempos de *O Patriota* até aos nossos dias, em que Bordalo conseguiu um nome enorme. A nossa caricatura tem andado atada à politica, em torno dela vivendo e dela se sustentando; a tal ponto que mais parece ter sido promovida pelo grande Fontes a Acto Adicional da Carta. E mais tarde, quando o seu historiador procurar a mais bela figura da sua primeira idade, com grande pasmo achará, em vez de Rafael Bordalo, o Partido Progressista; e a curiosos estudos será levado para saber o local preciso onde floresceu então, no Terreiro do Paço, a, ha muito extinta, Direcção Geral do Humôr.

Esta maneira de ser do artista em que nos acostumámos a ver o mestre da caricatura portuguêsa, tanta influência tem exercido que não ha maneira do público encarar uma figura que não pregunte quem é, se o prolixo desenhador lhe não escreveu na saia a legenda elucidativa: *A Opinião.* Anunciou-se a exposição de alguns trabalhos de Bordalo neste primeiro Salão dos nossos humoristas. O velho mestre, á entrada do certamen, vinha servir de fiador aos novos: e o público passou sem reparar no mestre. A vida é por demais complexa para que alguem julgue Burnay o centro do universo; e o snr. José Luciano está de sobejo esquecido para que valha a pena recordá-lo.

Ora este grande artista em que lhes falo, Cristiano Cruz, nunca pensou em pôr um rabo ao que vai adiante para o que vai atraz se rir da graça (parece que era assim a Caricatura nos dias joviaes do Passeio Publico). Nunca notou os bons senhores da politica, porque a sua visão o elevou ás sobrias linhas caricaturaes. E tal serenidade anda esparsa na sua obra, que os que andam no mundo esparralhando o olhar nas coisas que os rodeiam hão-de julgá-lo uma rára têmpera de romancista, lançando atravez duma nobre educação filosofica sinteses da vida nos aspectos que o tentam e o rodeiam, quando ele é simplesmente — um caricaturista atingindo a apolinea serenidade de quem encara a vida e a fixa em traços, como a sua visão lha entrega.

Diabolica figura de mago, riscando na grande noite de Walpurgis a tragica e grotesca legenda da vida, — na legenda da vida ha fogueiras a arder, carnes melodicas bisando a cançoneta da castidade, em mãos de santos açucenas maculadas do roçar de azas dum môcho, cortejos funebres com arlequins pegando ás borlas, Venus dizendo missa, e o velho Deus inspeccionando o mundo em dirigivel.

A vida vestiu-se com a farda rica de Conselheiro: o mago despiu-lha — e ficou um nanequim.

O humor de Cristiano, porque vem dum sensitivo, solitario fauno flagelando ao látego da ironia, é sombrio como os espiritos que se ferem nas arestas do vulgar. O humor de Almada Negreiros é aberto, primaveril, como um belo corpo môço senhor da sua nudez. Perpassa por todo ele um sôpro de graça adolescente, de quem vive grifando as coisas com sorrisos leves, sobre elas passando leve, deixando empós de si um sulco de ironia, como uma deusa alada a memoria acariante das suas azas. Dentro deste caracter a sua obra assume aspectos bem diversos, onde por vezes a roça a influencia, da concepção à tecnica, de Cristiano Cruz, — o que nada é de extranhavel num artista em formação, enleado na obra perturbante de um outro artista grande, já feito. No que Almada Negreiros se irmana com Cristiano é na escolha nobre dos assuntos, nunca deixando o seu espirito resvalar fóra dum circulo intelectual — onde não entram as piadas coceguentas dos outros bons senhores que lá andáram atravancando as parêdes com ditos e bonecos muito de espevitar sorrisos detraz de leques em serões Pires ao domingo. O mesmo não é de dizer de Jorge Barradas, em em cujas caricaturas ha transparentes ingenuidades que deixam ver nele um futuro artista de elegancias, sabendo colear uma mulher, gracificá-la, tocá-la de donaire, com uma inteligencia que a observação da vida ajudará a completar e a fazer perfeito. As poucas coisas que expôs, são uma revelação de ineditas qualidades, que nem sei de artista do traço ou do romance que em nossos dias tenha tentado o seu campo. Claro que a Barradas começa por faltar conhecimento da vida que dê para expandir um temperamento;

mas tal como nos aparece, com os seus defeitos e as suas infantilidades, não vejo ninguem deste Salão, depois de Cristiano e de Negreiros, nem dentre os carregados de anos e serviços de chalaça aos Poderes Constituidos, que de longe se aproxime com o que faz este moço, ainda tão só em germen dum artista.

O que dizer do resto? Para que falar do snr. Valença que se deu à singular curiosidade de pôr em riscos e côres as larachas de almanach, tomando a Caricatura por Calino?

Tambem Emerico Nunes, já conhecido dum anterior certamen, aqui expõe caricaturas — scenas infantis da Alemanha, uma mui saborosa evocação do Império, rondas de crianças em ar de kermesse flamenga — duma tão natural ingenuidade em gente do norte que só o muito lusitano *Nunes* nos deixará ver ali alguem de Portugal.

Ha tambem o snr. Ferreira, que faz caricatura de calças e outras peças de vestuário dos soldados e mais pertences do batalhão onde o seu humor funciona.

Ora dada a exuberancia de produções, emolduradas na cócega por amanuenses de notários, ocorre perguntar porque faltou aqui Luis Felipe, dandi do traço, artista das coisas delicadas, volutuoso encantador de corpos de mulher, tecendo situações galantes com a finura dum Barbey do traço. Porque faltou Stuart Carvalhaes, em cuja obra ondeiam sob uma neblina de grande cidade, noturnos e manchas, caladas tragedias da gente humilde, erguidas a uma ironia melancolica, fugaz, brumosa...

E agora que enxotei de mim todo esse enxame de senhores — oiço dizer que trinta e tantos!... — que à falta de qualidades para um emprêgo normal, deliberaram fazer humor, certos de que ninguem o irá fazer sobre eles, com descanço e regalo lhes quero falar dum artista encantador, Ernesto do Canto, modelador de ritmos em figurinhas de barro. Porque as suas estatuetas formáram na Exposição um pequenino mundo perfumado, antecamara da malicia que não chega a tocar o vicio. Figurinhas graciosas de Nuremberg feitas ao sôpro do Boulevard, tentavam-nos a vista em curvas aliciantes, vestidos modelando corpos em ansia de escultor que presente a caricia das carnes, o galbo dos quadris, religiosas orações dos seios sob a gotica maravilha dum garganta caindo num extase promissôr. Ha tal leveza e tal gracilidade no pequenino mundo de barro, que cada figurinha se transforma em capitosa planta de *boudoir*, alma-mulher, dizendo-nos em aromas perturbantes segredos intimos, a carne môrna, confidencias de velho espelho, coisas que sabe um tapete mui discreto... Não viverá na alma deste artista um pouco do humor esparso e vago que o snr. Marcel Prévost muito entendidamente foi ajuntando em três volumes de Cartas? E sonha a gente uma ronda requintada das mulheres

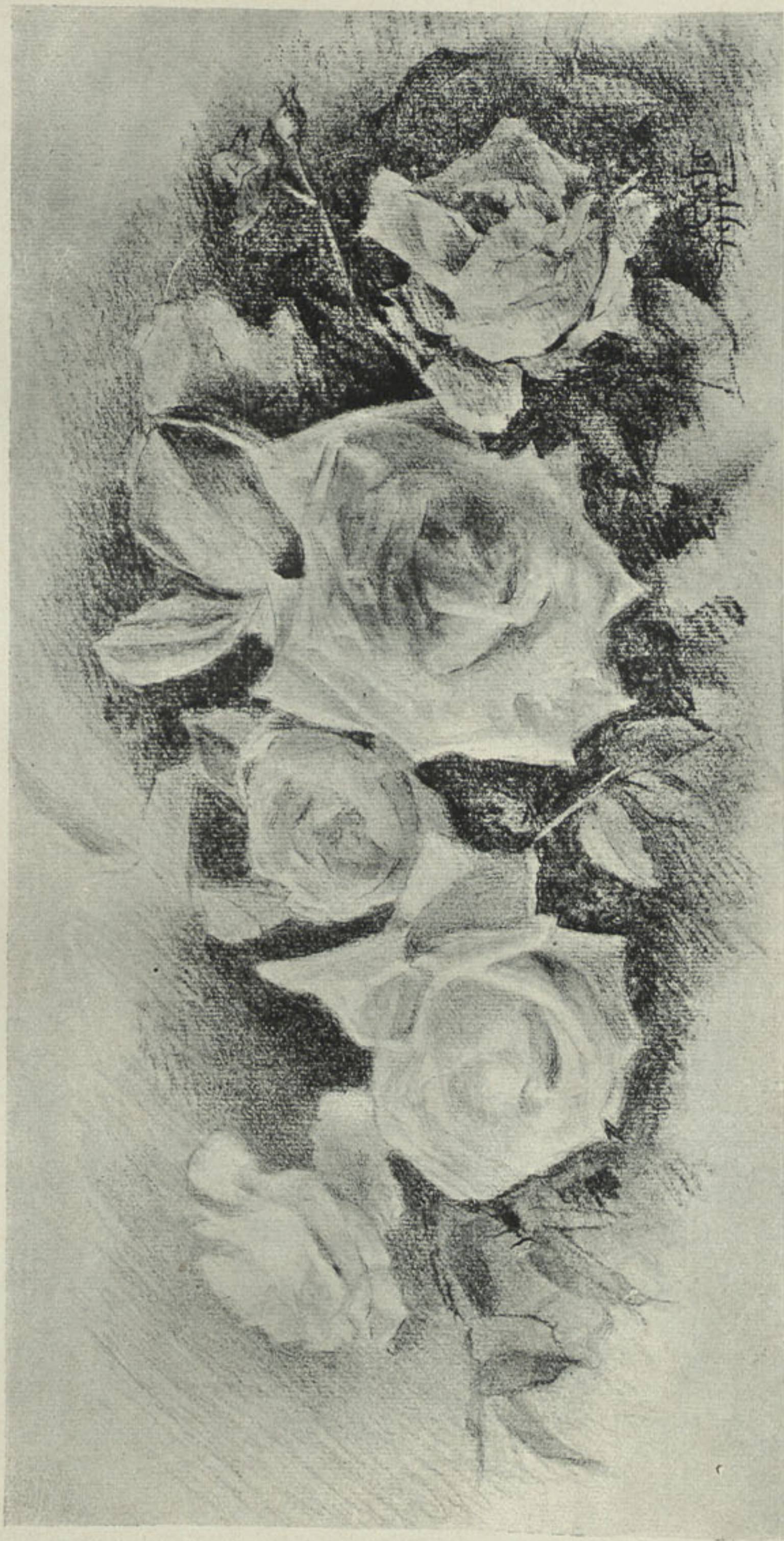
requintadas de D'Annunzio e de Lorrain,—essa das belas mãos, aquela das veias altas, princezinhas nenufares suflando vida no barro, erguendo corpos de ogiva ao seu halito escultor...

Prometem os humoristas futuras exposições. E pois que desta não logrou ficar uma expressão geral que alguma coisa diga do seu caracter, pergunta a gente a si-mesmo qual é a face do nosso humor.

Bordalo enquadrou-o num tôlo de profissão, simples pagador de impostos, a que chamou—Zé Povinho. Fôra ele evocar longas historias de frades satiros, correndo por estalagens ao choutear da mula, requestando môças, dizendo á lareira, com o fôgo iluminando as suas coxas peludas, historias picarescas de fazer rir em redor recoveiros e almocreves,—e teria entrevisto a face do nosso humôr.

Era assim tambem a mascara de Rabelais, tal como a fui encontrar numa velha gravura do seu tempo...

9 de Junho.

Veiga Simões

FLORES

(De Júlio Costa)

O PALEOLITICO EM PORTUGAL

ESTADO ACTUAL DO SEU ESTUDO

Não ha ainda um seculo que na Europa se desconhecia por completo nos meios scientificos a existencia de uma época da vida da humanidade em que utensilios e armas haviam sido de pedra, de silex duro, dessa pedra que toda se desfazia em faiscas rapido amortecidas, e que fôra a mãe do fogo, a primeira divindade do lar apiedada dos homens.

Perdia-se tão longe na cadeia dos tempos essa época, que maravilha seria que alguem se tivesse lembrado de lhe estudar os vestigios, numa era em que a Arqueologia Historica enchia o espírito e tomava o tempo de todos os sabios sem excepção. Andava presente á memoria de alguns cujo cerebro a educação classica e humanista do tempo organizára fortemente, um verso de Lucrecio que referia as idades do homem sobre a terra:

> Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
> Et lapides,...

Mas quem ia tomar estas palavras senão como uma indicação da primitiva rudeza, que tão mal se casava afinal com a idade de ouro cantada de outros poetas?!

Alguns objectos paleoliticos haviam mesmo sido descobertos já no começo do seculo passado e anteriormente, mas ficavam ignorados e sem sentido entre os coevos do achado como cousa que não vinha em seu tempo e cujo valôr e natureza não eram compreendidos.

Em 1801, John Frere descrevia numa Memoria varios silices talhados encontrados com restos de animaes fosseis no Condado de Suffolk; e desde fins do seculo XVII existia em Londres; guardado como curiosidade, um belo *coup de poing* de silex, (no British Museum), que fôra extraido do subsolo do Gray's Inn Lane, um dos mais afamados bairros da capital da Inglaterra. Ambos estes descobrimentos estiveram esquecidos até ao periodo de explendôr e vida desafogada do Paleolitico, porque se tratava de achados absolutamente isolados, sem ligação nem semelhança que os notabilizasse.

De ha meio seculo a esta parte, o estudo da idade da pedra lascada, organizado com metodo e com o desvelado cuidado com que compete tratar-se quem é tão velho no mundo, tem tomado proporções de verdadeira sciencia, a que nada falta, desde o congresso anual á duzia de revistas da especialidade, tanto na Europa como na America do Norte.

Mas que tempo não custou essa organização, na sucessão lenta

dos achados! Apareceram primeiro os rudes *coups de poing* cheleanos, pesados e disformes, talhados a golpes brutos; depois os silices musterianos, mais perfeitos; depois os soluteréanos, os aurignacianos, os madaleneanos, os da Tourasse, os do Mas d'Azil. A seguir, os ossos trabalhados com desenhos e gravuras que alcançam por vezes, a perfeição grafica; a escultura do marfim em baixo relevo e *ronde bosse;* e por fim, a pintura nas paredes das grutas, adornando de vermelhos e negros — mamutes petrificados de atitudes e bisões que arremetem —, a frieza dos grandes salões funerarios.

Do fundo das cavernas, dos seus estratos e divisões complicadas, dos simples abrigos encostados ás rochas ou sob as suas projeções perigosas, das estações ao ar livre em que outróra o selvagem peludo armou as choças de couro ou viveu sobre as arvores, e onde agora pacificamente os arados rasgam as linhas rectas das leiras, de todos estes lugares se tem extraido com que reconstituir quasi completamente o modo de viver dos primitivos.

E não só os objectos vieram: os proprios homens, conservados quasi por milagre nas suas carcassas frageis, apareceram tambem. E' já uma larga lista deles: Cró-Magnon, Furfooz, Spy, Baumes-Chaudes, Hauser, etc. O nevoeiro denso que envolveu o homem préistorico, começa a desfazer-se; as figuras do lado de lá da nevoa, vão aparecendo mais nitidas; não tardará que as vejamos completas, forradas de peles ou tauxiadas apenas de enfiadas de conchas raras...

Na brilhante cavalgada da sciencia para o abismo do passado que parte tomou Portugal? Conforme um velho costume, Portugal quedou-se a vê-la transpôr o limiar da grande caverna para lá de cujo boqueirão começa a Préistoria e só muito tarde tomou o trilho seguido. O que tem sido entre nós o estudo do Paleolitico, é o ponto que vou fazer o possível por tratar neste artigo, que positivamente não póde nem deve ser inquietantemente scientifico, nem demorado.

Ha para a Arqueologia portugueza uma data memoravel que, marcando na Arqueologia estrangeira apenas um congresso neste exotico paiz de Portugal, significa para nós mais alguma cousa do que o simples facto da sua realização em Lisboa. A 9.ª sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia préistoricas que se verificou em Lisboa em fins de setembro de 1880, coincide em Portugal com a época de maior esforço, produção e entusiasmo pela Arqueologia préistorica. Á volta dessa data gravitam os grandes trabalhos fundamentaes sobre que veiu assentar toda a construção préistorica nacional. Devem lembrar-se bem dele os novos de ha 30 anos, por que na ocasião visitáram o paiz algumas das maiores intelectualidades europeas, e porque as festas organizadas quando das excursões dos congressistas ficáram por muito tempo na memoria dos aldeãos cujo socego turváram, desde os campinos de Santarem, ás *plantureuses* mocetonas de envolta Guimarães.

No Congresso estavam representadas todas as nações cultas da Europa, por nomes da mais autentica valia: Mortillet, o velho, o

sabio Vorsaae, da fria Dinamarca, Quatrefages, um dos fundadôres da moderna paleontologia, Evans, olord, o douto Virchow da imperial Alemanha, Lartet, Nadaillac, Rivière, da França, e entre os ainda hoje vivos, Cartailhac e Pigorini.

Dentre os portuguezes não faltavam nomes que de sobejo conhecemos: Carlos Ribeiro, Nery Delgado, Martins Sarmento, Estacio da Veiga, Oliveira Martins, Felipe Simões, Teixeira de Aragão, Consiglieri Pedroso, Sousa Viterbo e outros felizmente bem vivos ainda, e por muitos anos o desejamos, como Adolpho Coelho, Julio Henriques, Paul Choffat, Joaquim de Vasconcelos e José Caldas.

Nesta brilhante assembleia falou-se muito em paleolitico; não era porem a primeira vez que isso se fazia em Portugal. Em 1871 Carlos Ribeiro apresentára á Academia das Sciencias de Lisboa, juntamente com varios exemplares de silices lascados, uma Memoria intitulada "Descripção de alguns silex e quartzites lascados incontrados nas camadas do terreno terciario e quaternario das bacias do Tejo e Sado„. (Lisboa — 1871), em que concluia pela existencia do homem terciario entre nós.

No ano seguinte tornou-os a apresentar ao 6.º Congresso de Arqueologia, de Bruxelas, e ainda em 1878, á Exposição Internacional de Paris, na Secção de Antropologia. Alguns sabios concordáram com a classificação do ilustre geologo, mas como o numero de crentes fosse diminuto, lá tivemos de novo Carlos Ribeiro, no Congresso de 1880, (2.ª sessão), defendendo com calôr a existencia do homem terciario em Portugal nas êncostas de Otta, onde tinham sido as margens de um grande lago desaparecido depois.

No mesmo Congresso, Nery Delgado apresentou (3.ª sessão) uma "Descripção da Gruta da Furninha em Peniche„, e juntamente um rude *coup de poing* amigdaloide (hoje no Museu da Comissão Geologica) encontrado na camada quaternaria da gruta entre silices lascados, de mistura com ossos de animaes de especies desaparecidas e um pequeno maxilar de creança. O engenheiro portuense Frederico de Vasconcelos, leu (4.ª sessão) um resumo de um trabalho sobre "Depositos Superficiaes da Bacia do Douro„, em que denunciava a presença do homem quaternario em varios pontos da margem esquerda do Douro, frente ao Porto, pelas quartzites talhadas intencionalmente que lá tinha encontrado. Sob o ponto de vista antropologico apenas Paula e Oliveira descreveu na 7.ª sessão um craneo aparecido em terreno que Carlos Ribeiro julgava quaternario, no Vale do Arieiro (Vila Nova da Rainha).

Foi esta a parte que a Arqueologia Paleolitica teve no Congresso. Mais tarde, Cartailhac e Carlos Ribeiro descobriram instrumentos de pedra lascada nos arredóres de Leiria. Cartailhac descreveu os seus achados nas "Ages Prehistoriques...„, mas Carlos Ribeiro morreu poucos anos depois do Congresso, deixando sem informações muitos objectos que encontrou.

Nas primeiras vitrines da esquerda de quem entra na sala de Antropologia da Comissão Geologica, ha varios instrumentos paleo-

liticos de silex e quartzite, provenientes de S.to Antão do Tojal (perto de Lisboa), dos Chãos (?), da encosta do Côrvo, e dos Milagres (arredóres de Leiria), talvez recolhidos ainda por Carlos Ribeiro. Tambem lá existe uma série de grosseirissimos instrumentos (?) de quartzite, dos Cabaços (Mosqueiros e Alvaiazere).

Um Mendes, colectôr da Comissão, que conta ás costas varios crimes arqueologicos, encontrou um dia sobre a Senhora Santana (Monsanto) uma bela faca paleolitica que guardou e levou para o Museu, sem nunca mais se lembrar de tornar ao sitio onde a achára; valeu esse descuido o não se descobrir então uma grande estação préistorica.

Fóra de Lisboa, o Museu Municipal da Figueira da Foz guarda na sua estante 1.ª-B, alguns instrumentos de quartzite provenientes das aluviões quaternarias da Fontela (perto da Figueira). Infelizmente, é minha opinião que só a muita vontade de Santos Rocha foi capaz de descobrir trabalho intencional em semelhantes calháus. Na mesma estante ha tambem uma serie de jaspes (?) lascados, colhidos no Fôrno Velho ou Fôrno d'Elrei, na Serra do Bouro. Esses são positivamente talhados e quaternarios.

A paginas 281 do volume VII do *Arqueologo Portuguez*, nas "Estações préistoricas dos arredores de Setubal„, o snr. Marques da Costa descreve um instrumento que encontrou junto a um ribeiro, nos Combros (aro de Setubal), e que aparenta o tipo vulgar das pontas mustereanas.

Em 1892, Fonseca Cardoso, encontrou dois *coups de poing* no vale d'Alcantara, sendo um de quartzite e outro de calcareo silicioso, medindo 0,235 de comprimento. O snr. Paul Choffat julga porém que este ultimo não é um verdadeiro instrumento.

Finalmente: para o Museu Etnologico de Belem, trouxe o seu directôr da Serra da Brunheira (Chaves) uma grande ponta de silex, que é tanto pela qualidade da pedra como pela tecnica da construção, uma das melhores peças paleoliticas do paiz.

Da idade da pedra lascada, era isto *só* o que havia em Portugal nos começos de 1909: desde então os descobrimentos têm-se multiplicado duma maneira notavel, deixando a perder de vista os parcos achados do começo.

Em 1909, o professôr francez Lapierre, que visitava o paiz com alguma demora, notando que os silices de Santana (Monsanto) eram talhados intencionalmente, recolheu alguns e chamou a atenção dos arqueologos para essa estação, onde o colectôr Mendes anos atraz havia já descoberto a faca, e perto da qual provavelmente Fonseca Cardoso encontrára os seus *coups de poing*. O professôr francez, reuniu algumas grandes e pequenas lascas, *lames*, e úma ou outra pedra com vestigios de trabalho, mas não encontrou instrumentos completos e definidos. O Museu Etnologico e principalmente o auctôr destas linhas exploráram depois esta estação, recolhendo instrumentos perfeitos e variados de todos os tipos do paleolitico francez, conseguindo formar uma bela coleção de *coups de poing*,

pontas solutreanas, facas, raspadôres, gráttoirs, percutôres, nucleos, etc. Ainda bem recentemente o snr. Dr. Leite de Vasconcelos lá descobriu um esplendido *coup de poing*, de 0,220 de comprimento e o auctôr deste artigo outro semelhante, de 0,234, — instrumentos que são inquestionavelmente, por agora, os melhores do paiz.

No mesmo ano de 1909 Joaquim Fontes descobriu o Casal do Monte, uma bela estação *à coups de poing*, onde o silex e os instrumentos apresentam caracter diverso dos de Monsanto; encontrou depois, até ao dia de hoje, mais as estações do Casal da Serra e Casal das Osgas (Damaia), Monte da Bica, Peras Alvas e Casal do Barel (juntamente com o snr. Dr. Leite de Vasconcelos e com o auctôr).

Pela sua parte o auctôr deste artigo teve a felicidade de encontrar nos arredóres de Lisboa, desde 1909 a 1912, uma serie de estações que a seguir enumera: Monte da Peça (Belas), Damaia, Casal do Garôto (Damaia), Quinta de Alfragide (Damaia), Casal do Cannas (Damaia), Alfragide 1.º, Monte da Barronchada (Carnaxide), Serra de Carnaxide, Casal dos Góstos, Amadôra, Monte do Penedo (Amadôra), Casal de Vila-Chã (Amadôra), Castelo (Amadôra), Moinho da Bôba (Amadôra), Queluz de Baixo, Monte Abrão, Quinta do Torres (Bemfica), Moinho das Cruzes (Campolide), Vila Pouca — um pouco acima da estação neolitica do mesmo nome — (Campolide), Quinta dos Alvitos (Odivelas), Famões, Alto do Castelo (Liceia).

Como se vê, em quatro annos o numero de estações conhecidas augmentou consideravelmente. Acresce que as que se têm encontrado agora, são estações completas, com todo o vasto e variado material quaternario: *coups de poing*, pontas, raspadôres, percutôres, nucleos, *grattoirs*, *pointes à cran*, pontas solutreanas, *lames*, *poinçons*, *perçoirs* e todas as mil pequenas variedades de instrumentos de transição, que tão enfastiante tornam a classificação paleolitica.

Hoje as estações da idade da pedra lascada conhecidas em Portugal, agrupam-se pelo seguinte modo: no distrito de Lisboa, 33 (Peniche, Otta, Setubal, arredóres de Lisboa), no de Leiria, 4 (Serra do Bouro, Milagres, Marrazes, Cabaços), no do Porto, 1 (na margem esquerda do Douro, frente á cidade), no de Vila Real, 1 (Serra da Brunheira, concelho de Chaves).

Tal é a situação do estudo do Paleolitico em Portugal á data em que escrevemos, Maio de 1912. Não se pode dizer que seja muito o que ha feito; deve porem notar-se que se está por assim dizer no começo, e que os investigadôres são pouquissimos.

Lisboa — Maio de 1912.

Vergilio Correia

EÇA DE QUEIROZ

Os **conhecidos** editores portuguezes Lello & Irmão, proprietarios da famosa livraria Chardron, do Porto, tiveram a penhorante gentileza de honrar-me com a offerta de um volume das *Ultimas Paginas*, definitivamente, e tambem desgraçadamente, o derradeiro livro posthumo de Eça de Queiroz. O doce e grave dever, que me assiste, de agradecer, de publico, a generosa dadiva, acolhida com infinita alegria por quem infinitamente se orgulha de ter escolhido o grande artista peninsular entre a sua duzia de autores de cabeceira, dá-me ensejo para render um modesto preito, mais de gratidão pessoal que de homenagem literaria, á memoria do homem singular que, com uma obra relativamente pequena, já educou duas gerações de prosadores. Fôra desejo meu, em face das graves responsabilidades que eu descobrira em tão suave e sempre adiada tarefa, deixar para melhor tregua desta vida a realização deste sonho antigo. Mas, como na successão monotona dos dias, nesta época de asperos conflictos de interesses subalternos, as correntes que passam sob meus olhos, e decerto sob as vistas dos meus contemporaneos, já não têm a calma e a pureza daquelle veio cristalino a cujas margens desejara Balzac que o artista se debruçasse para aprehender e gravar as idéas e as imagens que ficam; e como já nos não resta esperança de que essas turvas aguas se aclarem, tão grosseiras e volumosas se tornam cada vez mais as solicitações do viver —levados no atropelo das nossas ambições, paremos um momento á beira desse rio tumultuario, emquanto faz um pouco de sombra, e alguns passaros perdidos povoam o silencio desta manhã, e a civilização nos não reclama o espirito, mal desperto da noite mal dormida, para as batalhas do mundo cheio de sol e de ruido . . .

Como Victor Hugo, que ainda do tumulo nos mandava, de vez em quando, com a mesma febre de genio eternamente moço, volumes e mais volumes, que a enfatuada esterilidade dos modernos escriptores ineditos costuma desdenhar com absoluta confiança na sua impotencia creadora—assim Eça de Queiroz, durante um longo e fecundo decennio, após a sua morte, nos enriqueceu com a divulgação regular de novos thesouros conquistados ao seu espolio litterario. Dir-se-hia que a gloria do mestre, se não cresceu, porque já estava definitivamente consolidada, pelo menos ganhou mais brilho e frescura com a revelação de outros aspectos, que vieram constituir a cupula da sua bela obra. Porque foi a partir de 1900, ano fatal da sua morte, que, com o advento das novas gerações portugueza e brazileira, mais no Brazil que em Portugal, se afervorou o culto desta modelar personalidade. Até então, pelo menos entre nós, já alvoroçados pelas cruezas, geralmente pobres de estylo, de Aluizio Azevedo, Eça de Queiroz era o romancista picaresco, algo profano ou dissoluto, que, com o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio* e algumas paginas menos evocadoras da *Reliquia*, nos lançava em ardentes comichões peccaminosas, e, lido ás escondidas, em breves lazeres collegiaes, nos curtos intervalos das epopéas romanescas, violentamente nos quebrava todo um magro seculo de jejuns literarios. Daquella época para tráz (porque é innegavel que com a geração deste começo de seculo a arte de escrever em lingua portugueza adquiriu desusado esplendor) a sua influencia se exerceu mais pelos principios demolidores, pela iconoclacia impetuosa, pelos fundamentos crueis da escola naturalista (de que elle era, afinal, um assimilador e um divulgador nas nossas letras) do que pelo inedito da fórma maravilhosa, estranha, imprevista, unica, perfeita. Foram os moços, e foi principalmente o Brazil deste ultimo decennio, que, resolvendo-se a aprender a ler por uma pequena minoria de iniciados, comprehendeu, amou e diffundiu a obra do grande artista, dilatando-a em toda a sua grandeza, e salientando-lhe, com uma paixão continuada e enternecida, as creações immortaes.

Pertence, com effeito, ao Brazil, que de titulos tão meritorios não tem infelizmente um activo solido e extenso, a iniciativa generosa e decisiva na diffusão

e estima do nome literario de Eça de Queiroz. Foi daqui que se avolumou, para nunca mais se extinguir, o caloroso rumor da sua fama. Isto, aliás, não se explica sómente pela circumstancia material de termos sobre Portugal a vantagem de mais uns quinze milhões de habitantes, cuja maioria diluviana é constituida, como se sabe, por analphabetos virginaes. Tampouco a causa principal deste phenomeno estranho em terras brazileiras, repousaria na hypotese longinqua de já termos recebido integralmente, e vinculado definitivamente ao nosso patrimonio intellectual, aquelle legado preciosissimo da lingua, que Garrett dolorosamente nos fez no seu poema, num anceio illustre, ainda que repassado de profundo desespero, de que as glorias seculares do seu cansado Tejo fossem recolhidas e continuadas pelo nosso "generoso Amazonas.„ Tanto um como outro destes dois motivos fundamentaes, a superioridade material do numero e o renovamento crescente da cultura, justificariam até certo ponto (como já se déra com outros nomes da mesma procedencia), a nossa predilecção por aquelle escriptor, no qual entretanto, por mais alto, independente, universal que fosse o seu espirito, as nossas velleidades de emancipação politica e literaria sempre vislumbrariam o antigo traço do colono. Taes razões, porém, nunca determinariam a admiração absoluta e a divulgação inaudita, que temos dado á sua obra. O motivo, decerto, é muito outro, e, filiado a uma indestructivel lei historica de integração, representa uma das mais bellas e puras conquistas do espirito humano.

Eça de Queiroz—rebento lidimo e mais novo dessa progenie monstruosa em que culminam divinamente, com raizes eternas no vasto solo dos gregos e latinos, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Goethe, Balzac—foi o primeiro e unico escriptor portuguez que, simplesmente, com os seus livros, conseguiu internacionalizar Portugal. Mais do que a epopéa maritima dos velhos descobridores, o Adamastor, Nun'Alvares, Aljubarrota, os amores tragicos de Ignez de Castro, o marquez de Pombal com o terremoto de Lisboa e a expulsão dos jesuitas; mais do que o sonho immenso do solitario de Sagres e a intrepidez cavalheiresca do rijo Gama, as conquistas da sua diplomacia secular e da sua biblica industria, a bravura e elegancia dos seus condestaveis e a generosidade e pureza dos seus vinhos; mais do que todos esses feitos heroicos, que através de tão longa e ennevoada distancia já nos parecem ficções historicas (porque, historicamente, de ha muito, desde a implantação do constitucionalismo, Portugal deixou de nos interessar); mais do que tudo isso, encontrou, afinal, a patria dos navegadores um homem de genio para nelle reviver, universalizando-se. Eça de Queiroz é o autor deste milagre internacional.

Antes delle, a literatura portugueza, em conjunto, era, apesar de pura e rica, principalmente regional. E o era não só pela essencia como pela fórma. De Camões a Herculano, com escala pelos maiores cultores da lingua opulenta e barbara, as letras portuguezas mantêm um caracter de austero regionalismo, que por vezes chega a ser pretencioso. Em vão se procurará, através dellas, uma dessas creações universaes, um desses typos de integração social e sentimental, que se accommodam em todas as literaturas do mundo—Rei Lear ou D. Quixote, Hamlet ou Candide, Iago ou Mephistopheles, o doce Hermann "sorrindo á imagem espiritual da formosura„, ou o truculento Vautrin "violando as açucenas mortas á beira das estradas„. Porque a tragedia commovente de Ignez de Castro é mais o producto de uma intriga politica de aldeia, sem a larga irradiação de uma these profundamente humana, e as sombrias façanhas de Eurico representam apenas, sem o estudo fixo de um caracter, um episodio vago da cavallaria. Ainda no grande, no formidavel Camillo, quando o seu genio atormentado, combatido por toda a sorte de adversidades, se não dispersava em novellas desiguaes, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente nas moendas das polemicas desfibradoras, no exaspero tragico de campanhas pessoalissimas—isto numa lingua que, de tão barbaramente classica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuina, a grossa chalaça portugueza.

A lingua em que se escrevia em Portugal era um instrumento aspero, solemne e duro: não se lhe conheciam nuanças delicadas para esboçar os sentimentos mais subtis, nem ondulação ampla e sonora para abranger o vasto e complexo surto das idéas: em uma palavra—ignorava-se-lhe o verdadeiro espirito. Era a lingua secca, espartilhada, tabeliôa, dos classicos primeiros, muito preciosa e justa para seu tempo e seu meio, mas archaica, insubsistente, provinciana, nestas

idades praticas da maior expansão intellectual e economica — quando não era a lingua donairosa, flacida, rotunda, dos ultimos romanticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de creaturas celestiaes e em descripções de mundos encantados. Certo, os *Sermões* de Vieira são esculpturaes, e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de toda a sua pureza classica e de toda a sua divina eloquencia, não constituem uma literatura. E — sem que isto pareça um prurido infantil de irreverencia inocua — o proprio *Lusiadas*, tão grande, tão bellicoso, tão suggestivo, se conserva a sua gloria através dos seculos, não é decerto pelo padrão de vernaculidade que o solemniza, nem pelas descripções geographicas e evocações mythologicas que o perturbam, mas, principalmente, pelo forte, largo e sadio sopro lyrico que o atravessa e anima. Se eu ousasse abrir uma despretenciosa excepção no meio desse monumental atravancamento classico e romantico, esta seria, entre os modernos escriptores portuguezes, para Garrett que, pela universalidade e clareza do pensamento, pela flexibilidade da linguagem, a sobriedade dos tons, a distincção das maneiras, e, sobretudo, pela sabia ironia gauleza que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever em nossa lingua.

Eça de Queiroz, o creadôr supremo, veiu revelar á literatura portugueza o segredo das coisas eternas. Elle é o artista por excellencia. Com os typos que creou em meia duzia de romances, representando integralmente a vida portugueza contemporanea, realizou este milagre inedito: universalizar Portugal. Esses typos são, na verdade, maravilhosos de expressão, de realidade, de vida. Não ha para elles fronteiras de idéas, de sentimentos, de costumes, de aspirações: todas as civilizações illustres os disputam, porque elles participam de todas ellas, integrando-se na communhão humana, sem perderem, entretanto, a particularidade regional que lhes é própria. Resaltam dessa prodigiosa galeria a mais rigorosa preoccupação do detalhe e a mais perfeita visão do conjunto: o apuro da expressão e o pathetico da idéa. Accacio, o conego Dias, Bazilio, João da Ega, Gouvarinho, o Damaso, e toda a espantosa galeria dos Maias, Raposo Jacinto, José Mathias, Fradiques Mendes, Pacheco, o Gonçalinho, instalaram-se para sempre na nossa intimidade, vivendo humanamente a nossa vida. Ha escriptores que, cercados de conforto mateterial e prestigio social, escrevem, methodicamente, cincoenta livros, e ninguem lhes cita uma personagem, nem lhes decora uma phrase. E os ha, em compensação, de vida tormentosa e errante, que, na degradação dos carceres, ou no desalinho das estalagens, como Cervantes, como Shakespeare, compõem tres ou quatro volumes que são a gloria de uma raça e de uma época, e em que se louva, eternamente, a humanidade agradecida. A immutavel caracteristica do genio é a adaptabilidade universal das suas creações. Todos nôs sabemos o que significam Sancho Pança, Othello, o mercador de Veneza, Macbeth, Romeu e Julieta, como já nos familiarizamos com as figuras secundarias accessorias, e até com as mais insignificantes da extensa e palpitante nomenclatura eceana — o João Eduardo, o doutor Topsius, o Grillo, o Pimenta dos oculos, o Titó com o seu vozeirão de athleta preguiçoso de Villa-Clara, e o Videirinha, com o seu violão de fadista epico de Santa Irinéa. Entre uns e outros existe apenas, a distancial-os apparentemente, a differença de idades e de temperamentos; no fundo, porém, anima-os, arrasta-os, vincula-os, a mesma fatalidade, o mesmo destino. Depois, a nossa época já não comporta a tragedia; e attendendo a que (mesmo sem accrescentar neste caso o argumento basico da predisposição organica do escriptor); attendendo a que a Ironia é o melhor, o mais seguro, o mais definitivo expoente das civilizações requintadas, tem-se a razão por que Eça de Queiroz, ao invês de pintar grandes télas tragicas, traçou prodigiosas caricaturas.

Como escriptor mais critico de acção social que explorador de themas passionaes, a mulher desempenha na sua obra um papel bastante secundario — para não salientarmos a sordidez pathologica de Juliana, e a loucura mystica de D. Patrocinio das Neves. Com excepção de Maria Eduarda, a mais energica das suas heroinas (typo de honestidade soffredora e heroina, mau grado a furia arrasadora de Fialho, quanto affirma que nos *Maias* não ha uma só mulher honesta), o amor nas outras, quando não é a carne que se entrega, physiologicamente, na hora precisa, sem arrebatamentos lyricos, como em Luiza e Amelinha, é a passividade dolorida e resignada de Gracinha, ou a estima delicada, ingenua, quasi insexual, de Joanninha. Mas, para compensar esta ausencia de paixão, de calida vibração affectiva entre as suas creaturas femininas, elle é o glorificador commo-

vido da amisade, da solidariedade intellectual e moral entre os homens. Eça de Queiroz tinha o culto dos seus amigos. Vêde, por exemplo, a constante correspondencia psychica, intima, fraterna, que une Jorge a Sebastião, João da Ega a Carlos da Maia, Zé Fernandes a Jacintho, fundindo-os na mesma ordem de sentimentos e de idéas, sem, comtudo, annullar em cada um a individualidade propria, que se conserva, ao contrario, inconfundivel e flagrante. Este culto dos amigos, não o celebrou apenas Eça de Queiroz através das suas ficções artisticas, porque era um prolongamento da sua conducta particular na vida. Ninguem exaltou melhor as virtudes dos seus companheiros. E' uma grande sympathia irradiando de todo o seu ser. Ahi estão como provas, entre outros documentos fidelissimos, esses magnificos retratos phychologicos de Ramalho Ortigão, Eduardo Prado, Anthero de Quental, considerando-se mais que, na apologia deste ultimo, Eça de Queiroz attinge a perfeição sobrehumana de se diminuir publicamente para louvar o seu amigo, traçando um perfil que está para a moderna literatura portugueza, como na religião os evangelhos estão para Christo. Estes e outros ensaios de critida social e literaria, como os sobre Victor Hugo, o conde de Paris, Beaconsfield, a *Rainha*, Joanna d'Arc, os *Tres Prefacios*, vieram revelar novas faces do seu espirito de commentador genial e de creador equilibrado: ahi, as suas faculdades de analyse e de synthese ganham um vigor rejuvenescido e uma idealização desafogada. Neste contacto directo com a creatura viva, com o facto objectivado – é o mesmo que se observa com outros artistas profissionaes, como, por exemplo, Anatole France, o sabio atheniense, muito mais interessante na *Vie Litteraire* que no *Lys Rouge*, e mesmo com alguns escriptores medianos, como esse venturoso Paul Bourget, incontestavelmente o mais insigne dos actuaes medianos francezes, e decerto muito menos irritante nos seus estudos de critiça do que nos romances preciosissimos que elle urde como bom parisiense – "um parisiense com um ligeiro toque de inglezismo, como pede a moda, que leva para o faubourg St. Germain, num fiacre, os seus methodos de psychologia, de uma psychologia que cheira bem, que cheira a opoponax, e tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estylo que todo o mundo tem.„

Se fosse possivel destacar das obras primas de Eça de Queiroz uma unica obra prima, em que todas as outras se resumam e condensem, esta seriá forçosamente a *Illustre Casa de Ramires*. Este livro é o mais bello monumento da lingua portugueza, nos ultimos tempos: é um *Lusiadas* em prosa, é o poema limpido e sonoro do decaido Portugal contemporaneo em contraste com o poderoso Portugal medievo. Producto de plena e sadia maturescencia intellectual, dessa tristeza consolada e luminosa do envelhecer, livre de preconceitos de escola, repousado e sereno, tudo nelle é forte, suggestivo, emocionante, formoso, harmonico, preciso, igual, porque ahi, de principio a fim, o perfeito senso do historiador acompanha e regula a alcandorada fantasia do artista. Tenho ouvido, com uma insistencia devastadora, que em Eça de Queiroz o minucioso narrador de factos esmaga o philosopho semeador de idéas. E' que estas, muitas vezes, só dão na vista, quando são impostas a muque, aos saltos e aos berros: a discreção, a finura, a subtileza, prejudicam-nas na maioria dos casos. Para embaraçar o asserto que se funda na supposta ausencia de suggestividade, de surto, de força, de que se accusa o autor da *Perfeição* (se uma tão facil tarefa tem algum valor), basta lembrar aquelle inesquecivel epilogo dos *Maias*, em que Carlos e Ega, depois de bravamente philosopharem, ao mesmo tempo que assentam numa teoria fatalista da existencia, proclamando a inutilidade de todo o esfôrço, correm desesperadamente para apanhar o "americano„, que os deve levar ao *Hotel Braganza;* ou evocar aquelle maravilhoso final da *Illustre Casa*, em que ao lado de Villa Clara e ao pé da *Torre de D. Ramires*, na doçura da tarde agonizante, "por todo o fresco valle até Santa Maria de Craquêde„, a silhueta melancolica do padre Soeiro, destacando-se "no silencio ainda claro, de immenso repouso, tão doce como se descesse do céo„, traça genialmente a psychologia de Portugal, "pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casaes adormecidos...„ Não, meus amigos! Eça de Queiroz é um artista completo: fixou maravilhosamente a Vida. E, para fixal-a, teve ainda este grande merito: transformou uma lingua barbara, dura, aspera, fradesca, solemne, hostil, num instrumento plastico, sonoro, ductil, ondeante, diaphano, subtil: em uma palavra – foi o primeiro

escriptor portuguez que fez paradoxos com a nossa lingua. Elle é o mestre — e depois delle, ninguem, que se prese, tem mais o direito de escrever mal a lingua portugueza.

Releio, desolado, estas linhas. Eu as desejara largas e harmoniosas como um canto gregoriano, e ellas dão-me a "apparencia de uma herva reles, tremendo junto ás raizes de um cedro„. Não resumem idéas criticas, que eu não teria; nem narram impressões, que me bastavam. Todavia, para socego meu, para salvação dellas, se aqui não ha uma impressão, uma idéa, uma phrase, uma imagem, um lampejo digno do mestre, seja-me permittido appellar para o meu paiz, no sentido de lhe erguermos um monumento. O Rio de Janeiro deve-lhe uma estatua: ergamol-a. Coube ao Brazil a iniciativa generosa na propagação do seu nome literario: cumpre-lhe agora perpetuar o raro gesto, condensando-o no marmore ou no bronze. Como a de Goethe em Roma, como a de Heine em Paris, a estatua de Eça de Queiroz entre nós não só diria da nossa gratidão, mas, principalmente, da nossa cultura. Eu sei que esta idéa é quasi ridicula num paiz onde Machado Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, ainda não têm sequer um busto. Em todo o caso, ella ahi fica, sincera e justa, para consolo meu, para realce destas linhas, e para desaggravo da minha geração.

Rio de Janeiro, junho de 1912.

Matheus de Albuquerque

o

o o

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

Obras recebidas:

"Cantos d'Alma„ — Alexandre Francisco Pereira.
"Visionario„ — Matheus de Albuquerque — Edição da Livraria Chardron.
"Versos de um Dilettante„ — Adherbal de Carvalho — Rio de Janeiro.
"Risadas„ — Santos Galvão.
"A Festa de Camões„ — Guerra Junqueiro.